

## **Bloco IV: Nossa corrente frente às eleições**

A experiência de nossa corrente internacional na participação em eleições  
(Argentina, Perú, Colômbia e Espanha)

### **Tema 1 – Importância de participar das eleições (quando fazê-lo ou quando não)**

## **Argentina**

### **Sobre eleições de 1973:**

#### **“Nossa campanha eleitoral” – PST – 1972**

I) Para que intervém um partido revolucionário na campanha eleitoral?

(...)Rosa Luxemburgo definiu faz muitos anos as razões da intervenção dos revolucionários nas eleições: “o verdadeiro propósito (de nossa intervenção) nas eleições parlamentares (Reichtang) é possibilitar-nos a extensão da educação socialista...”. (...) E uma vez mais insiste: “a atividade parlamentar e dos sindicatos são importantes para o movimento socialista porque tais atividades preparam o proletariado, quer dizer, criam o fator subjetivo da transformação socialista, da tarefa da realização do socialismo”.

(...) Lenin quando insiste no mesmo: “para a social-democracia que considera antes de tudo as eleições como meio de educação política do povo, o problema principal é, está claro, o do conteúdo ideológico e político de toda a propaganda e de toda a agitação vinculada às eleições”. E Trotsky para uma situação bastante parecida à que atravessamos atualmente em nosso país, no começo da década de 30 na Espanha, insistia: “os comunistas têm necessidade da tribuna das cortes para colocar-se em relação com as massas. Dali virá uma ação que superará a das cortes. Neste ponto se revela justamente a ação da dialética revolucionária com respeito ao parlamentarismo”. (...)

\* \* \*

### **Sobre eleições de 1983:**

#### **“Documento Político Nacional” – MAS\* - Set/1982**

\*às vésperas da fundação do MAS

#### **Nossa posição**

Esquemmatizando e para precisar as prováveis diferenças com muitos companheiros e a que se tem com P.O. a posição da direção é categórica: não vemos nenhuma possibilidade imediata de golpe de estado, nem de fechamento da atual etapa de legalidade e eleições. E para que se nos entenda ainda muito melhor: não vemos nenhuma possibilidade imediata de autênticas greves gerais e grandes lutas do movimento operário com características insurrecionais ou semi-insurrecionais. E para que se termine de entender: acreditamos firmemente que a etapa que se abriu vai ser uma expressão distorcida da luta de classes porque vai passar essencialmente pelas eleições e pela utilização da legalidade e não por fortes choques entre as classes nas ruas. Esses choques serão no fundamental eleitorais o que não quer dizer que não heverá sérios enfrentamentos ou que uma nova combinação de circunstâncias abra a curto prazo uma etapa de grandes lutas. Se assim ocorresse isso significaria que se abriu uma nova etapa: a das lutas insurrecionais ou das exitosas e massivas greves gerais que colocariam o problema do poder e nos exigiriam mudar de política. Quando se diz que se está esquematizando se quer dizer, em especial, que não tomamos conscientemente as relações que há entre abertura legal e as lutas nas ruas. A legalidade e as eleições em um sentido podem desviar essas lutas porém, em outro sentido, a longo ou a curto prazo, ajudam ao amadurecimento da combatividade operária e popular, mais ainda em épocas de crise crônica do regime como a atual. Hoje em dia é praticamente impossível saber se antes ou depois das eleições esse amadurecimento levará a violentos enfrentamentos. Isto significa que a variante de que as lutas se intensificarão nesta nova etapa e que, portanto haverá cada vez mais lutas, se dará inevitavelmente. (...)

#### **Entramos em uma nova etapa partidária: a utilização plean da legalidade ou semilegalidade e a intervenção nas eleições**

Como no tradicional conto de crianças, tantas vezes dizemos ao partido que vinha a legalidade ou se atuou de forma irresponsável na semilegalidade que agora, quando a legalidade – retalhada, recortada ou o que queira – chegou, ninguém se atreve a dizer em voz alta [“em alto e bom som”] e a tirar as conclusões correspondentes. Isso deve acabar. Chegou a hora de nosso partido reconhecer a existência objetiva de uma nova etapa e tirar as conclusões adequadas e imprescindíveis: devemos

passar a atuar na legalidade e – se não pudermos – fazer como mínimo na semilegalidade.

Esta constatação e esta política são necessárias, mas não são suficientes. Pelo contrário, elas sozinhas seriam perigosamente incompletas. Devemos compreender não somente que há uma legalidade retalhada senão algo mais preciso e importante: Há legalidade para irmos às eleições. Se abre uma etapa não somente legal, senão fundamentalmente eleitoral. A conclusão é óbvia: Não somente devemos utilizar com tudo a legalidade, senão que nosso principal objetivo deve ser intervir nas eleições a não ser que cheguemos a conclusão de que se abriu outra etapa diferente, de grandes lutas. Se reconhecemos e aceitamos o fato de que a etapa aberta será essencialmente eleitoral, nossa política também deverá ser.

\* \* \*

## **Tema 2 – Estratégias eleitorais (objetivo central da participação eleitoral)**

### **Argentina**

#### **Sobre as eleições de 1973:**

##### **“Nossa campanha eleitoral” – PST - 1972**

A propaganda de um partido revolucionário para as eleições tem três objetivos, que se sintetizam em um só: desenvolver e fortificar o partido.

- o primeiro objetivo é desmascarar e denunciar o regime. Neste caso, o regime semi-colonial e capitalista que oprime o país e explora os trabalhadores. O segundo objetivo é demonstrar à classe operária que a solução de seus problemas vem de suas mobilizações e não da possível atividade parlamentar ou eleitoral. Devemos demonstrar a falsidade da democracia burguesa e como só a atividade e unidade dos explorados poderá libertar os trabalhadores. O terceiro objetivo é demonstrar a necessidade da revolução operária e socialista, como a classe operária deve tomar o poder como única forma de superar a crise do país e dos trabalhadores.

Esses três objetivos se sintetizam em um só: as eleições devem ser utilizadas para fortificar o partido, abrindo-lhe um caminho muito mais amplo de contato com o movimento de massas e com sua vanguarda. Tudo o que leve a um fortalecimento do partido em extensão e em captação dos melhores lutadores da classe operária e dos setores oprimidos é um passo adiante no desenvolvimento da revolução operária no país, já que a falta de um poderoso partido socialista revolucionário é a maior trava que têm as massas argentinas para chegar ao poder. (...)

\* \* \*

### **Perú**

#### **Sobre as eleições 1980:**

##### **“Campanha de recrutamento de apoiadores” – PST - 09/04/1980**

Dizemos tudo isto porque toda a militância do PST deve ter bem claro – como dizíamos no começo – que o objetivo principal de nossa intervenção no processo eleitoral é como saímos dele com uma periferia bem organizada de milhares de ativistas, que nos sirva logo para ganhar aos melhores e manter uma ampla rede de simpatizantes e amigos organizados. Esse é o centro principal de nossa preocupação. Por isso, o partido definiu que o eixo de nossa atividade é a campanha de recrutamento e organização de apoiadores.

(...) o comício da Plaza Unión onde, com um trabalho bem deficiente de preparação, congregamos mais de 10 mil pessoas, sobretudo trabalhadores.(...) Isso significa que tal como nas eleições à Assembléia Constituinte, surgirão milhares de ativistas nas fábricas, bairros, ... etc., que se colocará a necessidade de se organizar e realizar tarefas que ajudem à campanha do bloco trotskista. A melhor maneira de organizar estes companheiros cremos que é através da campanha de apoiadores.

\* \* \*

## **Tema 3 – O papel do programa e como apresentá-lo**

### **Argentina**

#### **Sobre as eleições de 1973:**

## **“Nossa campanha eleitoral” – PST - 1972**

(...)

A forma de fortificar o partido passa por uma atividade contraditória combinada, de agitação, organização e propaganda. Para educar as massas durante a campanha eleitoral, o meio é a agitação, lançar umas poucas idéias e consignas para que a entendam os maiores setores possíveis dos trabalhadores. (...)

### V) A plataforma eleitoral

(...)

Sobre estes eixos essenciais devemos elaborar nossa plataforma agitativa eleitoral, diferente de nossa mera plataforma eleitoral, que é a atualização para as eleições de nosso programa de transição no momento atual. As eleições nos permitem chegar às grandes massas e a elas se chega pela agitação, quer dizer, com umas poucas consignas, quanto menos melhor, não pior, já que os programas ônibus não são compreendidos pelas massas. (...)

\* \* \*

## **Sobre eleições de 1983:**

### **“Documento Político Nacional – MAS – set/1982”**

#### Por uma frente socialista independente

A alternativa que se nos coloca, concretamente, é a seguinte: levantar para as eleições a constituição de uma frente socialista independente e chamar a votar por ela, serve para ligar-nos e organizar aos inconformados, à vanguarda, e à base operária e popular ou pelo contrário, nos prejudica? Organizaremos melhor com a proposta programática de uma argentina socialista e só socialista, sem condicioná-la com a opção pelos métodos revolucionários ou reformistas para consegui-lo ou diretamente com nosso programa? Ao fazer estas perguntas, queremos deixar bem estabelecido que o problema não é se há diferenças meramente quantitativas, se não que interessa saber se há uma diferença verdadeiramente qualitativa. Por exemplo, se a um local com um programa mínimo da frente trazemos vinte e com nosso programa completo organizamos dez, nos convém fazer propaganda e organizar diretamente para nosso partido e programa. Porém se com a proposta mínima da frente vêm mais de vinte, quer dizer, o dobro do que traríamos nós sozinhos, isto significa que a tática, em princípio, pode ser muito útil ainda que percamos a direção deste movimento dirigido por novos militantes confusos e reformistas. (...)

Esta Frente deveria reunir duas condições: reivindicar – no mínimo – uma Argentina Socialista como seu programa, e ser independente de todos os partidos ou frentes eleitorais burguesas ou frente populistas que surjam. (...)

\* \* \*

## **Sobre eleições de 1985:**

### Conceitos Políticos Elementares – Apêndice

### **“A Tática Eleitoral de 1985”**

#### Se inicia o diálogo com o PC

(...)

Em 21 de março, respondemos ao PC no *Solidariedad*, repetindo nosso chamado e apresentando o que poderia ser, para nós, a base do futuro programa da frente:

“[...] A base do programa é... a suspensão do pagamento da dívida externa ilegítima e o enfrentamento com o FMI. Também nossas consignas similares em relação ao salário e a um plano de luta nacional da CGT votado em assembléias operárias democráticas.

“[...] a defesa dos direitos democráticos, especialmente no enfrentamento contra os bandos fascistas e o atendimento às exigências das Mães da Praça de Maio e de outros organismos de direitos humanos.

“Igualmente, teremos acordo com a defesa incondicional de URSS, Cuba e Nicarágua, frente a um ataque imperialista.[...]”  
Com isto os chamávamos fraternalmente a convocar juntos a frente de esquerda.

\* \* \*

## **Colômbia**

## **Sobre eleições 1978:**

## **Intervenção de Camilo Gonzalez no CC” - PST – mar/1977**

“Além de impulsionar a independência classista, a independência do proletariado como chefe das massas em seu conjunto, avançamos na formulação de muitos problemas teóricos centrais relacionados à campanha eleitoral: como relacionar a agitação com a propaganda? Como relacionar o programa com a política de frentes? (...)

Nós dizemos: objetivo número um da campanha, agitar o programa e para agitar nosso programa devemos insistir sobre um ponto fundamental, a independência classista. Quando nós estabelecemos esta discussão o que indicamos é que a diferença entre agitação e propaganda em termos gerais não é relativa somente às consignas de ação imediata se não que se relaciona também com o programa geral. Nós entendemos por agitar esse programa, a maneira de levar às grandes massas nossas propostas programáticas, de modo que identifiquem e diferenciem nossa política das demais políticas.

Não acreditamos que o aspecto central de uma campanha eleitoral seja fazer propaganda do programa. Nós fazemos propaganda do programa imprimindo folhetos, programando conferências e reuniões onde faremos uso de múltiplas determinações para explicar um fenômeno concreto. Porém explicar nosso programa diante das massas, nas manifestações seria um desvio de tipo completamente acadêmico, formalista e propagandista. Pretendemos atuar na campanha em termos agitativos e não em termos propagandísticos. (...)

Por outro lado com a consigna de agitação programática, seria um desvio oportunista adequá-lo à correlação de forças entre os partidos ou simplesmente ao estado de consciência das massas. Neste plano nós privilegiamos a necessidade.

Fazemos estas discussões porque há alguns companheiros que nos tem dito: onde está o programa que vamos levantar nas eleições? Essa é uma discussão que temos feito no Executivo, uma discussão que é legítima, totalmente legítima. O programa é claríssimo. O programa que vamos levantar nas eleições é o da independência política do proletariado. (...)

\* \* \*

## **Tema 4 – Critérios para eleger os candidatos**

### **Argentina**

#### **Sobre eleições 1973:**

#### **“Nossa campanha eleitoral – PST – 1972”**

##### **VI) A campanha eleitoral**

Sobre a confecção das listas, estas estão se realizando em base a dirigentes e ativistas fabris, sindicais ou de bairros operários, que coincidem essencialmente em um ponto de nosso programa eleitoral: Por candidatos Operários; Contra os candidatos burgueses de todos os partidos. A estes candidatos se somam os companheiros de outras tendências de esquerda que coincidem com nosso programa eleitoral. Por último os próprios candidatos do partido que aportam magníficos quadros militantes operários socialistas.

A tarefa mais importante é conseguir no maior número de distritos a apresentação de listas, apelando para isso, se é necessário, a operários e militantes de base de esquerda, quando não há verdadeiros dirigentes. O perigoso é que caíamos, no afã de fazer as listas, na demagogia de prometer o ouro e o mouro [dito popular que significa prometer tudo mesmo sem condições de fazê-lo], ou algo pior, que não selecionemos aos candidatos permitindo que nos infiltrem aventureiros políticos. O melhor para controlar este processo é efetuar reuniões amplas de todos os candidatos possíveis, assim como também averiguar com todo cuidado a biografia deles. O Partido deve fazer um esforço para garantir a seriedade e disciplina dos companheiros que sejam candidatos a postos que se pode ganhar, tratando de que se eleja para estes postos a companheiros provados no Partido ou na luta de classe. Porém o essencial passa pelo reconhecimento aos ativistas sindicais, os autênticos dirigentes de base (...)

Com respeito à fórmula presidencial deveremos adotar uma tática de acordo com nossos princípios, a elaborando com o Comitê Nacional da Frente Operária Eleitoral... É em base a discussão com este Comitê que terminaremos adotando uma linha definitiva com respeito a este delicado problema tático. Em princípio vemos as seguintes possibilidades. Fote, Paez ou qualquer outro dirigente operário cordobez, por seu sentido simbólico, Nora, Alicia Moreau de Justo, Coral, Ernesto Gonzalez. O ideal seria uma fórmula operária formada por um grande dirigente cordobez e uma companheira, especialmente operária. (...)

\* \* \*

## **Tema 5 – Táticas eleitorais (candidatura própria, acordos com outras correntes, frentes eleitorais, manobras...)**

# Notas sobre Argentina

## 1) Eleições presidenciais de 1973

Como produto do “Cordobazo” (semi-insurreição ocorrida em 69, em Córdoba) e do grande ascenso operário e popular que seguiu, o governo do general Agostin Lanusse, para enfrentar esse ascenso chama o GAN (Grande Acordo Nacional) do qual participa, além dos militares, os dois grandes partidos da burguesia, o Justicialismo (peronismo) e a UCR (radicalismo). Como parte desse acordo se convocam eleições para o ano de 1973, das quais poderá participar o peronismo (que não podia participar das eleições presidenciais desde o golpe que derrubou Perón no ano de 1955). Também, como parte do acordo se permite o retorno do General Perón que estava no exílio. A ditadura que durava desde 1955 é derrotada pelo ascenso e ocorre a abertura do regime.

A possibilidade de que o peronismo volte ao poder desperta um grande entusiasmo entre os operários (fervorosos apoiadores de Perón) e, pela primeira vez, em um importante setor da classe média radicalizada pelo ascenso.

Por outro lado, a partir do “Cordobazo”, surge uma importante corrente classista fundamentalmente na cidade de Córdoba, ainda que ela se estenda à nível nacional. Essa corrente é muito influenciada por uma série de correntes guerrilheiristas e ultra-esquerdistas. Algumas são peronistas (FAR, FAP, Montoneros, Peronismo de Base) e outros são contra o peronismo (Vanguarda Comunista, PCR, ERP, FAL, ...), mas estas últimas, são completamente contrárias à participar das eleições. Sua consigna central é “Nem golpe, nem eleição, revolução”.

O PRT- La Verdad dirigido por Nahuel Moreno, que era, na época do “Cordobazo” uma organização de pouco mais de 200 militantes (ainda que com uma importante implantação no movimento operário) se lança com todas suas forças à participar das lutas, e, junto com isso, à aproveitar (com a crítica de toda a esquerda), as margens de legalidade que a ditadura se vê obrigada à outorgar.

Já desde o ano de 1971, o PRT- LV abre cerca de 10 sedes semi-legais, tem por volta de 500 militantes e tiragem de 2.500 jornais semanal. Em dezembro deste mesmo ano faz um chamado à construção de uma frente ou um polo socialista visando construir um partido operário legal. No ano de 1972, se funde com um pequeno setor do Partido Socialista Argentino (PSA-Secretaria Coral), encabeçado por Juan Carlos Coral, uma figura muito conhecida da esquerda e que havia sido, antes da ditadura, deputado nacional. Se funda assim, em dezembro de 1972 o Partido Socialista dos Trabalhadores, que de fevereiro à dezembro utiliza PSA como seu nome legal. O PST, novamente contra toda a esquerda, organiza uma grande campanha para legalizar-se e para poder participar das eleições.

O PST chama a formar um Pólo Operário e Socialista ou Frente de Trabalhadores dirigida às todas organizações de esquerda e, especialmente, à nova geração de lutadores classistas para apresentar-se nas eleições com candidatos operários e socialistas, contra os partidos patronais e frente-populistas, para o qual coloca sua legalidade à serviço deste pólo. As organizações de esquerda obviamente não aceitam esse chamado. Uma porque eram peronistas e as outras porque estavam radicalmente contra participar das eleições. Sem dúvida essa política possibilita que um importante setor de dirigentes classistas que eram influenciados pela ultra-esquerda, se incorporem às listas do PST.

Em dezembro de 1972 é realizada a Plenária da Frente dos Trabalhadores com 1.000 participantes. A proposta é que Leandro Fote (secretário da organização sindical do engenho San José, de Tucumán) e José Paez (um dos principais dirigentes operários do “Cordobazo”), compusessem a chapa presidencial. No entanto, Fote não aceita, alegando problemas pessoais; e Paez, prefere disputar o governo de Córdoba.

A plenária, então, vota a fórmula Coral- Nora Siaponni (primeira mulher a compor uma chapa presidencial, ambos do PST). Aceita também a proposta do PST que coloca 75% de sua lista à disposição das candidaturas operárias extra-partidárias.

Nestas eleições, que vence Cámpora (candidato da ala esquerda do peronismo), o PST obteve 73.796 votos (0,63%) para presidente e deputados (“boleta completa”) e mais 50 mil para deputados (em “boleta cortada”, cédula sem candidato à presidente), chegando a quase 130 mil votos. O PO (Política Obrera, corrente trotsquista) chama o voto em branco. O PCR seguiu defendendo “Nem golpe, nem eleição, revolução”.

Como produto de sua intervenção nas lutas, a utilização da legalidade e a participação eleitoral, o PST se converte no terceiro partido da IV internacional e superam os 1.000 militantes. Passa a um partido nacional de vanguarda, a tiragem do jornal passou de 5 mil a 25 mil e foram abertas 60 sedes pelo país.

Cámpora, com poucos meses na presidência, é obrigado pelos setores mais à direita do peronismo à renunciar. Novas eleições são convocadas para serem realizadas em setembro de 1973.

Em agosto de 1973 é realizada a segunda plenária da Frente dos Trabalhadores. Cerca de 2.000 trabalhadores, além de grande quantidade de estudantes (com voz e sem voto) participam. Foi oferecida a candidatura à Tosco-Jaime. Tosco, estava próximo ao PC e declinou. Saiu a fórmula Coral-Paez.

Uma boa parte das organizações de esquerda, que eram contrárias a participar das eleições, chamam a votar na fórmula Perón-Perón (Juan Domingos Perón e a esposa Isabel Perón). O PC também chamou o voto em Perón e PO, no PST.

Se apresentaram somente 3 partidos burgueses e um de esquerda (o PST). Perón é eleito com 62% dos votos. O PST, com a fórmula Coral-Paez (dirigente do Cordobazo que terminou entrando no partido), obteve 181.474 votos para presidente (1,6%).

Em 1974, Perón morre e assume Izabelita Perón. Em 1976 ocorre um novo golpe militar, Izabelita é derrubada. Junta militar chefiada por Videla assume o governo. Este período de ditadura vai até 1982, quando um novo ascenso derrota a ditadura e abre o regime.

## **2) Eleições presidenciais de 1983**

Um novo ascenso derruba a ditadura militar, e eleições são convocadas para o ano de 1983. O PST que continuava sendo ilegal, para incidir sobre os operários peronistas, chama diferentes organizações da esquerda e aos ativistas à formarem um grande movimento/partido socialista de massas para tentar construir-se em seu interior e com o qual se apresentaria nas eleições.

Apostava-se na hipótese de que o fenômeno da formação/crescimento de grandes partidos socialistas na Europa como o PSOE na Espanha, o PS em Portugal se refletisse na América Latina, baseado na experiência da FOCEP, entre outras.

As organizações respondem negativamente ao chamado, a hipótese de construir um partido de massas não se dá, no entanto o MAS se constitui, sua construção está baseada na coluna de quadros do PST. MAS se transforma em um partido trotskista de milhares de militantes. O recente MAS propõe a construção de uma Frente Socialista. A Frente não se dá, MAS que já havia conseguido legalidade sai com sua própria legenda, com a fórmula Luís Zamora\*-Silvia Dias (dois dirigentes do partido), obtendo 42.499 votos (0,28%). Nesta campanha chegamos a abrir 450 sedes (principalmente em bairros operários) e vender 80 mil jornais durante todo o período.

Após 7 anos de ditadura, o candidato de oposição do Partido Radical, Raúl Alfonsín, capitaliza o sentimento democrático e é eleito com 52% dos votos.

\*Zamora além de dirigente do partido, é uma figura dos direitos humanos no país e foi uma das figuras do ascenso que havia derrubado a ditadura.

## **3) Eleições legislativas de 1985**

Frente às eleições legislativas de 1985, o MAS muda de tática com o objetivo de aproveitar a crise do PC e do peronismo. Chama especialmente algumas organizações de esquerda e também frente-populistas à formar uma frente eleitoral. Assim, chama o PC, o PO e o Partido Intransigente (PI, um partido encabeçado pelo ex-governador da Província de Buenos Aires, Oscar Alende). O PI não aceita o chamado. O PO se integra à frente e, depois, se integra o PC, formando a Frente Nacional de Libertação (FREPALI). Na sequência se soma à frente setores da esquerda peronista (dirigentes e ativistas sindicais) e a frente passa a chamar-se Frente do Povo (FP). No último momento o PO rompe a frente e lança candidatura própria. A FP obtém 315.860 votos (2,25%) dos votos. O PO obtém 46.817 votos (0,31%).

**\* 25 de janeiro de 1987 – morte de Nahuel Moreno**

## **4) Eleições legislativas de 1987**

O MAS seguiu trabalhando com a Frente do Povo, exigindo do PC que já construía uma outra estratégia. A ruptura do PC se concretiza. O MAS se apresenta com candidatura própria obtendo 229.623 votos (1,43%). Nesta eleição o MAS tem a tática de realizar assembleias nas fábricas para definir candidaturas do partido. O FRAL (frente do PC) obtém 228.008 votos (1,42%). O PO 42.732 votos (0,27%).

O resultado eleitoral que nos coloca como 5º organização nacional, reflete um setor de trabalhadores que rompem com o peronismo pela esquerda, e que se localiza no cordão industrial de Buenos Aires, onde está a maior concentração do proletariado. Tivemos resultados de mais de 10% e 20% em fábricas importantes. Construímos núcleos em 66 das 122 empresas de todo o país. Influenciávamos ou co-dirigíamos comissões internas dessas empresas.

### **Resumo das votações da esquerda na Argentina\*:**

(presidente/deputados nacionais)

Mar/1973 – PST: 73.796(0,63%)/ +ou- 130 mil

APR (PI,PC...) – 885 mil(7,4%)/dados não encontrados

Set/1973 – PST: 181.474(1,6%)

1983 – PI: 347.654(2,33%)/411.883(2,78%)

PCA: x/182.296(1,23%)

MAS: 42.500(0,28%)/56.193(0,38%)

PO: 13.067(0,09%)/17.720(0,12%)

1985 – PI: x/930.939(6,07%)

Frente do Povo (MAS, PC): x/351.860(2,3%)

PO: x/46.817(0,31%)

1987 – PI: x/327.103(2,04%)

MAS: x/229.623(1,43%)

FRAL (PC...): x/228.008(1,42%)

PO: x/42.732(0,27%)

1989 – IU (MAS/PC): 409.751(2,45%)/580.944(3,49%) Eleito 1 deputado pela frente: Zamora (MAS)

PO: 45.762(0,27%)/53.671(0,32%)

1991 – MAS: x/212.202(1,36%)

PCA: x/110.711(0,71%)

PO: x/59.638(0,38%)

PI: x/3.663(0,02%)

\*Dados eleitorais: fonte Ministério do Interior da Argentina.

\* \* \*

## Argentina (citações)

### **Sobre eleições 1973:**

*La Verdad n° 292 – 01/12/1971*

*Extraído do livro “Depois do Cordobazo”*

### **“Um polo socialista: outra variante para defender a independência operária”**

Mas há outra variante possível, indireta e superestrutural, para chegar ao mesmo fim, ainda que por outro caminho. É a constituição de um polo socialista que se dirija à vanguarda operária buscando atraí-la e unificá-la para a defesa da independência operária nas eleições. As tendências e os companheiros que estão de acordo em não capitular diante dos partidos patronais nas eleições, podem unificar-se agora mesmo para formar um polo socialista que lute para atrair o ativismo que, por sua própria dinâmica, ainda não pode dar o salto que envolvia a primeira variante.

(...) Se levantou, por exemplo, o problema de que a derrota de Sitrac-Sitram e os últimos retrocessos tenham freado o impulso para a constituição de um movimento sindical classista. Um polo socialista que atraia a vanguarda não ajudaria, teria repercussão nesse sentido? Nós, muitas vezes, temos sido esquemáticos nisso também, propondo uma espécie de “escadinha”: movimento classista, partido operário, partido revolucionário. A realidade nos mostra um desenvolvimento muito mais complexo e dialético. Se amanhã há um conflito em alguma fábrica em sua área, um partido ou frente socialista bastante ligado ao ativismo e a juventude não poderia ser uma magnífica via indireta para ordenar e unificar o apoio de outras fábricas a essa luta?

Resumindo: a variante de um polo socialista, ainda que indireta e superestrutural, é a mais viável, considerando a relação de forças e o grau de desenvolvimento da vanguarda operária. Chamamos todas as tendências de esquerda a nos juntar para concretizar essa variante. Nenhuma tendência ou companheiro que diga ser pela revolução socialista deve esquivar-se da batalha para disputar o voto operário com os partidos patronais. Sem a independência política dos trabalhadores é inútil encher a boca com palavras grandiosas de “revolução” e “socialismo”. Formemos um polo socialista para lutar pela independência política do movimento operário nas próximas eleições. (...)

\* \* \*

*Avanzada Socialista n°17 de 21/6/72*

*Extraído do livro “Depois do Cordobazo”*

### **“Temos a legalidade: a colocamos a serviço de uma frente operária e socialista”**

Há alguns meses, isto poderia ser entendido por alguns como uma manobra demagógica para conseguir os milhares de filiados de que precisávamos para romper a barreira do Estatuto. Mas hoje, quando já não necessitamos de um único filiado a mais, nos dirigimos publicamente a toda a nova vanguarda operária; aos heroicos ativistas dos *cordobazos*, do Chocón, da Petroquímica, do Sitrac-Sitram, do Banco Nación, dos *tucumanazos* e *rozariazos*; a todas as tendências sindicais que se reivindicam classistas; a todos os partidos e organizações que levantam a bandeira do socialismo e lhes dizemos: aqui está nossa legalidade! Não a queremos para “uso exclusivo”. A colocamos a serviço de um “Grande Acordo Operário e Socialista”, que devemos construir entre todos para enfrentar o “Grande Acordo Patronal” que está sendo tramado na Casa Rosada.

A esta proposta demos um nome: Polo Operário e Socialista. Mas não queremos discutir nomes, e sim iniciar um diálogo, explicando em detalhes o que entendemos por Polo Operário e Socialista e que possibilidades vemos para a sua construção. (...)

### Uma Variante Direta: a Frente ou Polo Operário

No ano passado, Sitrac-Sitram encabeçou uma tentativa de frente única de sindicatos, comissões internas, tendências e ativistas classistas. A derrota de Sitrac-Sitram cortou esse processo em seu nascimento. Caso tivesse se desenvolvido, esta frente operária possivelmente seria uma variante direta para levar também ao terreno eleitoral uma opção classista. (...)

### Uma Variante Indireta: o Polo Socialista

Apontamos que as derrotas do Sitrac-Sitram, do Banco Nación, etc., impediram que a variante direta e estrutural de polo operário fosse viável no conjunto do país. Mas isso não quer dizer que se tenha que renunciar à defesa da independência política dos trabalhadores contra todos os partidos patronais. Defendemos que há uma variante indireta, superestrutural, que é a de construir um polo socialista. Ou seja, uma frente entre todos os partidos, tendências, ativistas operários e estudantes, etc. que concordem com os seguintes pontos mínimos:

- Contra toda candidatura e acordo patronal (chame-se GAN, Hora do Povo, ENA ou Frente cívica)
- Pela independência política do movimento operário. Por candidaturas operárias e socialistas
- Por um governo operário e popular. Por uma Argentina Socialista.

Acreditamos que todas as tendências e ativistas que reivindicuem a construção de uma Argentina Socialista devem refletir com calma e sem sectarismos sobre a perspectiva que colocamos. Nós colocamos nossa legalidade a serviço dessa frente socialista, cuja formação estamos dispostos a começar a discutir hoje mesmo com todos que queiram fazê-lo. (...)

\* \* \*

### **“Nossa campanha eleitoral” – 1972 - PST**

(...)

Para facilitar a formação deste claro polo operário e socialista, devemos evitar que fique de fora dele todo setor que reivindique o socialismo ou a independência política da classe operária.

Esta combinação deve ficar subordinada ao que digam os companheiros da vanguarda operária atual, a seu nível de compreensão dessa necessidade, já que o objetivo principal de nossa estratégia é organizar e fomentar a nova vanguarda operária à atividade política e não incorporar à Frente os velhos dirigentes socialistas. Isso significa que os acordos com velhas figuras do socialismo reformista ficam subordinados, como uma tática, a nossa estratégia eleitoral de incorporação da nova vanguarda operária ao polo operário e socialista. A discussão com essa vanguarda nos permitirá comprovar as possibilidades dessa incorporação tática.(...)

\* \* \*

### **Sobre eleições 1983:**

#### **“Documento Político Nacional – MAS – set/1982”**

##### Por uma Frente Socialista independente

Se nossa consigna central for **Por uma Argentina Socialista sem padrões nem gerais**, é necessário lutar para conseguir uma Frente Socialista que utilize a legalidade e participe das eleições. Esta Frente deveria reunir duas condições: reivindicar – no mínimo- uma Argentina Socialista como seu programa, e ser independente de todos os partidos ou frentes eleitorais burguesas ou frente populistas que surjam.

Existe o perigo de que os companheiros acreditem que esta consigna de Frente Socialista é usada devido ao fato de não termos legalidade. Pelo contrário, o que dizemos é ainda que, por qualquer das mil manobras possíveis, conseguíssemos uma



legalidade regateada ou inclusive com plena legalidade, junto com a Argentina socialista nossa consigna central seria a conformação de Frente Socialista.

Em última instância, tender a fundar uma Frente Socialista tem a ver com as perspectivas reais. A questão é, haverá ou não um setor relativamente importante das massas ou da vanguarda que se dirijam ao socialismo sem maior clareza? Se isso vai existir, ou se pode existir no caso de nós incentivarmos neste sentido, acreditamos que a tática de uma Frente é muito positiva e nos permitirá, junto com a abertura de sedes, nos transformar em um partido com influência de massas, ou, no mínimo, em um amplo setor de vanguarda. Nossa consigna organizativa para as eleições deve ser então a de votar só em uma Frente dos Socialistas.

Esta é uma consigna a ser desenvolvida essencialmente no movimento de massas, na vanguarda operária e popular, não sobre os grupos socialistas ou nas superestruturas. O que queremos essencialmente é atrair para uma Frente Socialista ampla, não sectária, sem estar condicionado a ser trotskista, a milhares e milhares de trabalhadores e ativistas que se juntem à Frente como algo seu e que na verdade seja assim.

Esta é a diferença que há entre o polo operário e socialista que impulsionamos na eleição anterior [1973] e a Frente Socialista que propomos agora, se isto se der. O polo foi, conscientemente, uma abertura para um pequeno setor da vanguarda operária, sindical, que tendia a romper neste momento com o peronismo. Assim, conseguimos atrair e organizar em todo o país uns dois mil ativistas e eleitoralmente conseguimos que um setor significativo (200.000) votassem em nós, porém jamais organizamos um setor de massas.

### E se a Frente não acontece?

Muitos companheiros colocam com razão a pergunta: E se não há condições para esta Frente? Esta pergunta só pode ser respondida dizendo que toda consigna, toda política, a princípio é sempre hipotética: não só serve para discursar para a classe, mas também para ouvi-la. Se escuta muito melhor quando dialogamos com uma linha, do que quando vamos sem nenhuma. A conversa com a classe se torna, se for feita sem nenhuma linha, não exploratória (como neste caso), senão uma anarquia tal que nos impede de tirar conclusões.

Porém esta linha tem uma vantagem fundamental, se não surge a possibilidade de um partido operário baseado em setores do movimento sindical (possibilidades que devemos averiguar na realidade para ver se a detectamos para nos dirigir então a ela), nos permite propagandizar no mínimo nossas grandes consignas eleitorais: “Por uma Argentina socialista, sem patrões, sem o imperialismo, nem generais”, por um grande Partido ou Frente socialista.

Em última instância, que se faça a Frente de massas ou não, é uma questão tática – de fundamental importância, porém tática. O estratégico eleitoral, no momento, é categórico e claro, e se sintetiza nas duas consignas que apresentamos.

### A frente e o partido

Nosso partido não vai se dissolver na frente, embora possa chegar a ser sua direção se a ampla maioria da Frente Socialista simpatizar ou chegar a militar com o partido. No entanto, é muito perigosa uma política sectária de querer transformar os militantes da Frente em trotskistas. Pelo contrário, o partido deve fazer esforços para que todo integrante da frente, seja ele reformista ou não, se sinta em sua organização e não que está sendo utilizado. (...)

### Devemos chamar para a Frente Socialista todas as organizações que se reivindicam como tais

Existe o perigo de que os militantes do partido saiam sozinhos a construir a Frente Socialista e ignorando as outras organizações que reivindicam o socialismo. Devemos iniciar uma forte campanha chamando-os a formar a Frente Socialista independente eleitoral e politicamente de todas as variantes burguesas. É necessário ganhar os honestos socialistas para esta frente e desmascarar os frente-populistas que se escondem sob a etiqueta de socialistas.

\* \* \*

## **Sobre eleições 1985:**

### Conceitos Políticos Elementares – Apêndice

#### **“A Tática Eleitoral de 1985”**

No Congresso do MAS, em fevereiro de 1985, dissemos que a campanha eleitoral seria certamente a principal campanha política desse ano. Também dissemos que era muito difícil a essa altura definir a orientação dessa campanha, porém agregávamos que a situação objetiva mostrava “a crise do peronismo e a possibilidade de que surja uma frente de esquerda ao redor do PI e do PC.” Considerávamos que esta perspectiva era progressiva, já que podia marcar a ruptura de amplos setores operários e de esquerda com a direção peronista, e por isso colocávamos que nosso objetivo seria a luta pela formação de uma frente eleitoral. Ainda não podíamos definir que tipo de frente poderia surgir e por isso tínhamos que atingir distintos setores com distintas consignas: Frente de esquerda, Frente de trabalhadores, Frente socialista.

Em 7 de março de 1985, no *Solidaridad Socialista* dizíamos:

“[...] Chamamos a estabelecer uma ampla unidade de ação e uma aliança eleitoral destinadas a impor ao governo, ao Fundo Monetário Internacional, ao imperialismo, às multinacionais e aos oligarcas uma mudança total...”

“[...] propomos a determinados partidos, a começar pelo Comunista, formar uma aliança eleitoral ou frente política, para abrir um novo horizonte ao país.

“ Juntos ... poderíamos chamar o Partido Intransigente não só à luta unida contra o FMI senão que reveja sua negação em formar agora uma aliança eleitoral, convidando-o a ter um acordo com nosso programa socialista...”

### E seguimos pressionando o PC

Em 25 de abril, *Solidaridad Socialista* tornou pública uma carta que o CN do MAS dirigia ao CE do PC.(...) Não tivemos nenhuma resposta ao nosso chamado. No entanto, seguimos insistindo. Voltamos a fazê-lo em nosso ato do 1º de maio de Atlanta, e em todos os números de *Solidaridad*.

Em 8 de maio, o PC nos responde em *Qué Pasa*, ou melhor dito, dá à sua base as razões para não fazer a frente conosco. Basicamente, diziam:

“[...] a política de alianças do PC passa pelo peronismo – em primeiro lugar, por sua base de massas operária e popular e suas correntes avançadas -, o Partido Intransigente, Humanismo e Liberación da DC, o PSA e outros setores socialistas e a larga franja progressista do radicalismo...”

“[...] a coerência da política do PC para a classe operária e para o peronismo não é compatível com uma aliança bilateral com o MAS.

“... o PC[...] exige diferenciar no seio da burguesia, admitindo que as alianças assim sejam temporárias com setores – incluído o radicalismo em sua maior parte – que não integram o pólo de privilégio. O MAS não o entende assim e ataca sistematicamente e em bloco o governo e a UCR.

“... o trotskismo se originou como corrente hostil a URSS, ao socialismo real e aos movimentos autenticamente revolucionários...”

### A frente começa a se concretizar

Em 23 de junho, em Ushuaia, se concretiza a Frente Socialista dos Trabalhadores da Terra do Fogo, formada por um acordo entre o MAS e o Partido Socialista Argentino, da Terra do Fogo.

Em 16 de agosto, o PO realiza um ato no Luna Park, chamando a uma “Frente Eleitoral da Esquerda”. Até esse momento, o PO rechaçava nossa proposta de Frente dos Trabalhadores e da Esquerda por considerá-la uma traição. Aproveitando a festa, a direção do MAS não os lembrou de suas negativas anteriores em formar a frente, senão que panfletou um chamado intitulado “Viva a frente eleitoral MAS-PO!”, em que dizia:

“[...] aceitamos que as plataformas de “luta imediata” defendidas pelo PC e pelos partidos de esquerda a quem nos dirigimos são um bom ponto de partida.

“Para concretizar a frente, proponhamos ao PC, aos grupos peronistas que romperam com o PJ e outras correntes locais, que organizemos assembleias por distrito e município para discutir e votar democraticamente, de acordo com a proporcionalidade, a chapa de candidatos...”

“Por distintas razões, pode ocorrer que o PC não queira realizar essas assembleias para designar os candidatos. Uma variante que respeite a base e a proporcionalidade das forças integrantes da frente em cada distrito poderia tomar como base o resultado das eleições de 83.”

Sobre essa base começam, então, as negociações da frente eleitoral com o PO. Ao mesmo tempo que com eles, se reiniciavam as negociações com o PC.

### O FREPALI

Como se vê, em nenhum momento o MAS abandonou a linha da Frente Eleitoral dos Trabalhadores e da Esquerda. Mas devemos dizer que a realidade nos ajudou para que ela pudesse se concretizar. Em 27 de junho, na Circular número 98 dizíamos:

“[...] O giro do PC à oposição ao plano econômico do governo, assim como a campanha de alcance continental iniciada por Fidel Castro em torno ao problema da dívida externa, nos abrem uma grande possibilidade de os pressionar por cima e por baixo, mediante propostas de ações unitárias e relançando o chamado à frente.”

Como dissemos antes, se iniciaram as conversas com o PO e o PC poucos dias antes de vencer o prazo para a inscrição das alianças eleitorais. Finalmente, duas horas antes de o prazo vencer, concretizou-se a aliança PC-MAS. Inexplicavelmente, o PO negou-se a formar (...)

### A Frente do Povo depois de 3 de novembro

O PC, por sua parte, nos propunha em suas Teses Políticas preparatórias do 16º Congresso que:

“Os 23 pontos programáticos da FP constituem um referencial para assegurar, entre todos seus componentes e as forças

que se podem incorporar ou confluir, sua continuidade e fortalecimento com uma estrutura dinâmica, flexível, ativa, assentada em milhares de comitês básicos. [...]

“[...] A tarefa principal no próximo período de desprende em torno a este esforço pela continuidade, consolidação e desenvolvimento dos passos que se deram na construção da Frente de Libertação Nacional e Social.”

Por todas as considerações anteriores, votamos uma orientação precisa: priorizar os acordos e trabalhos em comum PC-MAS nos grêmios, no terreno sindical, e “congelar” o desenvolvimento “pela base” da Frente do Povo.

\* \* \*

Jornal Solidaridad Socialista nº94, 7/3/1985, Editorial

## “O Segundo Congresso do MAS se pronunciou pela formação de uma Frente eleitoral de esquerda”

(...) Chamamos a estabelecer uma **ampla unidade de ação** e uma **aliança eleitoral** destinadas a impor ao governo, ao FMI, ao imperialismo, as multinacionais e aos oligarcas **uma mudança total**.

Chamamos aos sindicalistas combativos, aos novos dirigentes operários, ao Partido Comunista, ao peronismo operário, ao Partido Intransigente e a todos os setores operários e populares a mobilizarmos juntos em apoio às greves e às ações dos pequenos produtores de todo o país (...).

Neste sentido, nossa proposta concreta é a seguinte: todos juntos, no próximo 1º de maio, colocamos, junto a CGT, nas ruas das principais cidades argentinas toda a classe trabalhadora e o povo para exigir os progressivos projetos contra o FMI que o PI apresentou no Congresso, que parem todas as demissões ... . (...)

E nos dirigimos especialmente ao PC porque, unido ao MAS, formaria um forte polo operário, com grande poder de atração para os trabalhadores e o povo.

Juntos, por exemplo, poderíamos chamar o PI não só à luta unificada contra o FMI, senão que revejam sua negativa em formar agora uma aliança eleitoral, convidando-os a acordar com nosso programa socialista.

As centenas de milhares de dirigentes, lutadores e operários peronistas poderíamos dizer que venham para nossa frente, porque aqui poderiam conduzi-la se são maioria (...)

\* \* \*

Circular interna nº117 – MAS 1985

## “O balanço da campanha eleitoral e a situação nacional”

Nossa política imediata para a Frente do Povo

O último número do jornal expressa com clareza nossa política com a Frente do Povo: mantê-la como uma aliança ou acordo eleitoral, que lance declarações políticas sobre fatos da luta de classes quando seus integrantes estejam de acordo, sempre nos marcos do programa que adotamos e que, ao se manter, volte a se apresentar nas próximas eleições.

Essa política se baseia em uma caracterização: não há nenhuma possibilidade de construir uma frente permanente com o PC, não só pelas diferenças programáticas, pela estratégia e histórias diferentes que têm nossos dois partidos – os integrantes mais importantes da Frente do Povo. **Senão, porque na luta de classes, em geral, estamos em caminhos diferentes.** (...)

Construir uma frente estável exige uma participação comum na luta de classes ao lado dos trabalhadores para enfrentar a patronal, o governo, o imperialismo e a burocracia. Até que não estejam colocadas essas condições é impossível sua concretização.

Quer dizer, enquanto o PC prefira aliar-se à burocracia e à patronal, não há possibilidade nenhuma para a existência da frente – a Frente do Povo seguirá sendo uma aliança eleitoral.

Essa política exige um comportamento prático: **não podemos alentar em lado algum organismos ou ações que alimentem a possibilidade de uma frente estável.** Seria nos enganarmos, levar confusão aos nossos militantes e aos trabalhadores. Referimo-nos à abertura de sedes da FP, à criação de organismos comuns da frente que nos exijam nos submeter a suas decisões, à criação de direções regionais ou locais comuns.

Esta posição temos que colocar com absoluta clareza aos companheiros do PC, aos companheiros peronistas e aos demais integrantes da Frente, é a única maneira, expressando com clareza as diferenças, de garantir a continuidade da Frente do Povo como o que até agora tem sido, uma aliança eleitoral.

Mais ainda, a única possibilidade real de saber se o PC está disposto a fazer uma frente de classe, à serviço das lutas dos trabalhadores contra o imperialismo, o governo burguês de turno, a patronal e a burocracia, é precisando com absoluta clareza o que significa para nós uma frente e porque neste momento não tem nenhuma possibilidade de existência. (...)

\* \* \*

Jornal Solidaridad Socialista nº 134

## “Vigência da Frente do Povo: Pra cima os de baixo! Abaixo os de cima!”

(...)

### Aliança positiva e necessária

O MAS, o PC e os peronistas combativos tem grandes diferenças, mas apesar delas, deram uma resposta conjunta ao desafio colocado pelas eleições de novembro.

O governo radical, a condução patronal do peronismo e todos os políticos burgueses se lançaram a rapinar o voto dos trabalhadores. A FREPU possibilitou que 350.000 rompessem “la trampa” votando por candidatos de sua própria classe.

Contra a fome e a entrega de Alfonsín ... , a FREPU propôs e difundiu 23 medidas revolucionárias para a libertação nacional e social do país.

Foi positivo apresentar uma alternativa política independente dos patrões, com uma plataforma justa. Mas o mais positivo foi a relação tecida durante a campanha com dezenas de milhares dos melhores lutadores e o significativo respaldo nas empresas e bairros operários, especialmente na Grande Buenos Aires.

(...)

### Nosso brinde

A **Coordenadora Nacional da FREPU** programou um encontro de final de ano com participação de companheiros de distintos locais do país. O **Comitê Nacional do MAS** estará presente e formulará ali uma saudação e um brinde, que fazemos extensivos aos 350.000 companheiros que respaldaram o passo inicial.

Brindamos pela manutenção da aliança e suas 23 medidas revolucionárias, fortalecendo-as com a intervenção nas lutas contra o imperialismo, a patronal e a burocracia!

Pela libertação nacional e social da Argentina e América Latina, basta de entrega e exploração: **Pra cima os de baixo!**

Por uma nova direção sindical e um movimento operário livre de burocratas traidores, capaz de acaudilhar a todos os explorados e oprimidos: **Abaixo os de cima!**

**Pela libertação e o socialismo, sempre!**

\* \* \*

## “A Frente do Povo: um grande acerto político – MAS – 1987”

[Documento escrito após morte de Moreno sobre 1985]

### A FP, seu programa e as eleições de 3 de novembro

O PC se viu finalmente obrigado a concretizar a FP devida a combinação de uma série de razões. A central foi sua própria crise e seu isolamento e falta de aliados burgueses.

O PC sofreu na própria carne os efeitos da revolução democrática e seu apoio a ditadura. O posterior apoio a Hermínio requeitou ao máximo essa bomba relógio. Esta, e a falta de aliados, é a causa central que leva o PC a aceitar a formação da FP.

A outra causa é de caráter internacional: se vivia no pico da ofensiva imperialista contra a URSS...

Nessa difícil situação para Moscou, o Kremlin havia começado a modificar parcialmente sua política em relação ao trotskismo, aceitando alianças eleitorais conosco no México, e em algumas partes da Colômbia. A FP é parte do mesmo processo.

Estes fatores são os que explicam que o PC forme a FP e que aceite seu programa vermelho, de luta contra o imperialismo e o capitalismo. Porque os 23 pontos da FP, apesar de que não incluem a consigna de governo operário e popular, são um programa de transição para a revolução permanente, socialista, na Argentina. Um sintoma extra da crise do PC é que terminou aceitando que não incluísse a luta pela “paz mundial”, sua consigna universal de mais de meio século. (...)

\* \* \*

## “A Frente do Povo: um grande acerto político do partido – MAS – 1987”

### O que votamos no II Congresso do MAS?

A votação do congresso teve a ver com o fato de que a tarefa estratégica para que a revolução socialista dê um salto na Argentina é que a classe operária deixe de apoiar, confiar e votar nos partidos burgueses e passe a fazê-lo nos partidos de sua classe. Isso significaria deixar de confiar na conciliação de classes e nos “salvadores”, ao que foi educada pelo peronismo, e começar a compreender que seu futuro depende de sua própria ação. E isso seria inclusive se chegasse a confiar em um partido ou frente que incluísse setores reformistas ou burocráticos, mas que fossem da classe. (...)

É um dever de princípios do partido revolucionário facilitar as pontes, a transição, para que o proletariado conquiste sua

independência política como classe. Dentro dessa batalha central, também há que se dar outra simultaneamente que está interconectada: a de ganhar para as posições e para o partido revolucionário a maior quantidade possível de forças. (...)

\* \* \*

## **Notas sobre Perú**

Em 1944 é fundada nossa organização no Perú, com o nome de Grupo Operário Marxista (GOM). No final da década de 50, Hugo Blanco que era um estudante e militava em nosso partido na Argentina, chega ao Perú e se mete no ascenso agrário que começava a ocorrer, seu envolvimento foi facilitado por sua origem indígena e o fato de falar quéchua (idioma indígena da região). Este ascenso se transformou em uma verdadeira revolução agrária, embora tenha sido derrotado. Hugo Blanco se construiu como principal dirigente do processo, sendo perseguido, preso e condenado à morte. Na época foi realizada uma campanha mundial contra sua condenação, esta campanha teve repercussão de enorme escala, envolvendo figuras como Jean Paul Sartre, importantes nomes da política européia, etc.

Em 1962 se constitui a Frente de Esquerda Revolucionária (FIR), fusão do POR (nome de nossa organização no momento), com outros grupos. Com a derrota do movimento, nossa organização sofre com dispersão, rupturas e repressão, durante toda a década de 60, voltando a se reorganizar no início dos 70. Em 1974, em meio a ditadura, é fundado o PST.

### **1) Eleições para Assembléia Constituinte de 1978**

Uma greve geral incide na abertura do regime. Uma constituinte é convocada para este ano. PST constitui FOCEP (Frente Operária Camponesa Estudantil e Popular do Perú), formada por PST, POMR Lambertista (dirigido por Napuri), FIR-POC (guerrilheiristas, racha de nossa organização déc 60), e um advogado de nome Genaro Ledesma. A Frente, encabeçada por Hugo Blanco, explode de votos, Hugo Blanco é o terceiro mais votado de toda a eleição, 12 deputados constituintes (do total de 100) foram eleitos, sendo vários trotskistas, entre eles Hugo Blanco e Napuri.

Logo após as eleições nossa organização sofre grande derrota. Hugo Blanco rompe formando outra organização, o PRT.

### **2) Eleições presidenciais de 1979**

O PRT de Hugo Blanco forma uma Frente chamada ARI (Aliança Revolucionária de Esquerda), sendo novamente ele a encabeçar a coligação. Essa Frente é conformada pela ampla esquerda, a maioria da FOCEP e inclui também setores reformistas e frente-populistas. ARI tem sucesso eleitoral, na esteira do prestígio de Hugo Blanco e ainda da FOCEP. Obtendo cerca de 30% dos votos (há desconfianças de fraude, ou seja, o resultado pode ter sido superior)..

PST não entra na ARI e se apresenta com candidatura própria. Obtendo poucos votos. Neste momento o PST tinha 60 militantes, mesmo com Hugo Blanco na organização nunca fomos um partido grande. Logo após as eleições a ARI se rompe, por diferenças estratégicas e eleitoralismo do setor denominado ala direita, que forma a Esquerda Unida (IU).

### **3) Eleições presidenciais de 1980**

PST forma uma frente de independência de classe com o PRT de Hugo Blanco e POMR de Napuri. Chamou-se “Frente Trabalhadores no Poder”, com Hugo Blanco presidente e Napuri e Fernández Chacón (PST) vice. Há uma fragmentação maior dos setores da esquerda, a votação cai para 4% dos votos, em relação às eleições anteriores, elegendo 5 parlamentares, entre eles os 3 da chapa majoritária.

\*Em 1983 o PST se funde com POMR de Napuri, que rompem com o Lambertismo.

\* \* \*

## **Perú (citações)**

### **Sobre eleições 1978:**

*Revista América – artigo sobre Perú*

### **“Unidade Operária e camponesa frente à Constituinte – PST – 1978”**

Por candidaturas unitárias operárias e camponesas para intervir nas eleições

Nós acreditamos que é possível alcançar esse objetivo; tudo depende de que consigamos a unidade de todas as forças operárias e camponesas, através de uma sólida frente única eleitoral, que nos permita intervir nas eleições com esta política. Por isso é que centramos a nossa campanha neste chamado à unidade: chamamos um Congresso de unidade de todas as centrais operárias e camponesas – com a participação dos partidos socialistas – para a elaboração de uma chapa unitária de

candidatos operários e camponeses, a ser levantada nas eleições para a Constituinte, que apresente a política que estamos expondo.

A Paralisação Nacional Unitária do dia 19 de julho representou um avanço importante à unidade do movimento operário com a constituição do Comando Unitário de Luta; (...) Agora, chamamos a cristalizar essa unidade no atual processo político que se abre, para que os trabalhadores tenham uma alternativa de classe frente às distintas variantes burguesas e frente-populistas que estão se orquestrando. Contra as frentes eleitorais da burguesia! Unidade de todas as centrais operárias e camponesas e dos partidos socialistas para apresentar candidaturas únicas dos trabalhadores, para ganhar a maioria na Constituinte e obrigar a renúncia do governo! As palavras estão com os camaradas que dirigem a CGTP – a central operária mais importante do país – para que convoquem este congresso de unidade operária e camponesa para intervir nas eleições com uma política independente de classe. (...)

\* \* \*

### **Por uma Assembleia Constituinte eleita democraticamente**

(...)

Agora que nos encontramos às vésperas da promulgação do regulamento que determina os mecanismos de participação na Constituinte, se impõe a luta democrática pelos objetivos que estamos expondo. Em todos os sindicatos e organismos de massas, temos que nos pronunciar pela ampla vigência dos direitos democráticos para lograr uma livre eleição da Constituinte. Somente dessa forma poderemos dar a batalha para que os candidatos unitários operários e camponeses alcancem uma maioria decisiva na Assembleia Constituinte e obriguemos a renúncia da ditadura.

\* \* \*

Palavra Socialista nº5 – PST - 15/07/78

### **A FOCEP já é o partido que queremos?**

A FOCEP é, indubitavelmente, um dos maiores passos dados pela classe operária peruana há muito tempo. Por isso, defendemos sua unidade.

Fernández apontou que não há que se confundir. A FOCEP não é um partido, não é, todavia, o partido que necessitamos para destruir esse poder da patronal.

Por isso é que, dentro da FOCEP, a um grupo de companheiros, que cada dia é maior, propusemos a tarefa de unirmos para construir esse partido, tendo o PST – a força mais destacada da FOCEP, como o pilar fundamental para essa construção.

\* \* \*

### **Sobre eleições 1980:**

#### **“Aos companheiros do PRT” – PST, 25/09/1980**

Estimados companheiros:

No próximo dia 4 de outubro vai se encerrar o prazo para a inscrição das chapas e candidatos, que participarão das eleições municipais de novembro. Contudo, até o momento, nossas organizações e o POMR, pertencentes à mesma corrente de massas que se identifica com o Punho da independência de classe, não definiram de qual maneira participarão.

Estamos numa situação difícil. Em nossas bases há incerteza e as centenas de simpatizantes que nos rodeiam esperam de nós uma resposta. Eles pedem, mas que nunca, nossa UNIDADE, nossa decisão para levantar uma alternativa de independência de classe nas regiões onde somos fortes e onde não é possível concretizar acordos com IU. Nesta decisão, vosso partido tem a primeira responsabilidade.

É certo que enfrentamos esse novo processo eleitoral em condições desfavoráveis. Surgiu uma frente eleitoral (Esquerda Unida) sobre a base de uma aliança da maioria dos partidos operários com o PSR e o Frenatraca, partidos definitivamente burgueses. Essa frente despertou grandes expectativas nos trabalhadores. (...)

Nossos partidos assumiram uma posição correta frente à IU. Partindo do desejo unitário dos trabalhadores, participamos das reuniões da esquerda, expondo que a unidade se defina em convenções, com a presença das organizações operárias e populares e não entre quatro paredes; nos pronunciamos por uma candidatura operária e um programa de independência de classe: pedimos a exclusão do PSR. Não fizemos essa discussão com a pretensão de convencer a UNIR, o PCP ou UDP, para que não se aliem com o PSR e o Frenatraca, senão para demonstrar aos trabalhadores nossa disposição a fazer a unidade sem representantes da patronal.

Nessa mesma linha, viemos trabalhando por fazer possíveis chapas unitárias com IU, sem representantes do PSR e do Fenatraca, nos lugares onde o trotskismo é a primeira força. Assim mesmo, expressamos nossa resolução de apoiar criticamente os candidatos dos trabalhadores que levante a IU, nos distritos e províncias onde nos apresentaremos... A atitude sectária e as ambições eleitorais das organizações de IU ameaçam romper com as possibilidades de acordo em diversas localidades... Isso nos apresenta uma nova situação: nos coloca a necessidade de nos prepararmos para levantar nossa própria

alternativa nessas localidades.

O PST e o POMR temos apresentado a vossa organização inscrever uma aliança eleitoral agora, para fazer possível uma participação conjunta. Temos que levantar o Punho novamente, temos que defender a independência de classe, levantando candidatos dos trabalhadores nas localidades onde somos uma força e não seja possível concretizar acordos com IU, por causa da negativa desta.

\* \* \*

### **“Artigo 40 anos do PST peruano”**

*(publicado em versão editada na revista Correio Internacional nº12)*

#### **O massacre de Cromotex, ARI e as eleições de 1980**

(...) em 4 de fevereiro de 1979 ocorre o massacre de Cromotex [empresa têxtil]. (...) Os operários, então, decidem ocupar suas instalações para evitar a retirada das máquinas e defender sua fonte de trabalho. A patronal, em cumplicidade com a polícia, resolve pelo assalto violento à fábrica. Resultado: 5 operários são mortos a bala e um policial morre no enfrentamento. (...) O massacre de Cromotex desataria uma onda de solidariedade e de protestos operários, e seria uma mostra de que a classe operária, para além da Constituinte e da saída eleitoral, resistia a abandonar a luta.

Para as eleições gerais, toda a esquerda se une na Aliança Revolucionária da Esquerda (ARI, em espanhol, e que significa “sim”, em quéchua) em base à liderança de Hugo Blanco, que era visto pelos reformistas como a isca para acaudilhar os votos de que necessitavam para ganhar um peso importante no novo Parlamento. Todos ingressam na aliança, claro que muitos a contragosto por seu “antitrotskismo” visceral, como Alfonso Barrantes, *Patria Roja*, o Partido Comunista e, com menos antipatia, a UDP. O POMR também entra na ARI. O PST, com uma posição absolutamente sectária e autoproclamatória, não o faz porque pensa que a situação é extramamente favorável para que ele fizesse sozinho um partido com influência de massas, e que sair unido ao resto da esquerda era um obstáculo para esse projeto. Como não há argumento que sustente essa postura, inventa a ideia de que a ARI é uma “frente popular”, pela presença em seu seio de pequenos grupos burgueses, abstraindo que ARI era liderada por Hugo Blanco – que em si mesmo já encarnava um programa de independência de classe. A ARI explodiria, claro que não graças ao PST, a quem ninguém fazia caso, senão que pela disputa dos diversos grupos stalinistas pelos primeiros lugares na chapa parlamentar - o que deixava quase sem opção o próprio grupo de Blanco, e o obrigava a dar marcha à ré e a buscar um acordo eleitoral, quase no limite do encerramento do prazo, como o PST e o POMR.

A destruição da ARI foi, definitivamente, uma derrota para o movimento de massas que foi privado de uma ferramenta de independência de classe e ao serviço de suas lutas, muito superior ao FOCEP.

A “febre” do partido de massas atacaria não só o PST como o POMR, também. Ricardo Napurí descreve esse episódio trágico para nossas organizações da seguinte maneira: “o PST, por um lado, e o POMR, por outro, se projetam a construir partidos com influência de massas. O PST não ingressa na ARI precisamente por isso, porque crê que há um espaço próprio para construir esse partido, e consegue que o POMR (...)”

\* \* \*

## **Notas sobre Colômbia**

### **Eleições presidenciais de 1978**

Em junho de 1978 ocorrem as Eleições Presidenciais e para Assembléia Nacional Constituinte. É eleito Júlio Cesar Turbai (Partido Liberal). A abstenção bateu recorde, chegando a 70% (as eleições dos anos anteriores também tinham alta porcentagem de abstenção).

A Assembléia Constituinte que estava para se formar tinha como objetivo aprovar uma série de reformas reacionárias. Em setembro de 1977, as quatro centrais operárias do país convocam uma paralisação nacional, nossa avaliação era de que se tratava de um primeiro ensaio de greve geral. Foi muito massivo e combativo, e significava uma ruptura das centrais com o governo de López Michelsen. Como continuidade deste processo, o PST chama uma Frente do movimento com o objetivo de lançar uma candidatura única de classe, das centrais sindicais e organizações da esquerda, frente à política reacionária do governo e do regime, “defendendo uma convenção democrática de todas as forças operárias e de esquerda”. Exige do PC e MOIR que rompam suas alianças com frações burguesas. Estes não atendem ao chamado e a Frente se dá apenas com organizações trotskistas (LCR e OCR), se chama UNIOS (Unidade Operária e Socialista), e tem como candidata a presidente Socorro Ramirez, do PST. Socorro Ramirez rompe com a organização ainda durante a campanha eleitoral.

\* \* \*

## **Colômbia (citações)**

### **Sobre eleições 1978:**

## B) O grande acordo unitário operário e socialista

Observando as condições objetivas, a classe operária e o avanço da revolução, é uma necessidade que nas eleições se apresente uma unidade classista com um programa de independência frente à burguesia e seus partidos. Superar a divisão das fileiras operárias e conquistar uma participação unificada sem compromissos com setores burgueses seria uma conquista transcendental para a causa revolucionária do proletariado. É por isso que propomos UM GRANDE ACORDO UNITÁRIO OPERÁRIO E SOCIALISTA, que tenha estas características:

1) Que seja de todos os partidos operários, dos sindicatos e organizações que se reivindicam da classe operária e do socialismo.

2) Que lance candidatos operários e socialistas aos conselhos, assembleias e ao Congresso nas eleições de 78.

3) Que impulse um candidato único operário que se oponha aos candidatos do sistema.

Devemos apresentar essa proposta publicamente, às grandes massas, ao Partido Comunista, ao Moiz, à CSTC, aos sem partido, aos sindicatos autônomos não patronais, aos dirigentes operários sem partido, à União RS, a Anapo Socialista, a Anapo (Radical) e a todas as organizações que falam em nome do socialismo e da classe operária.

A apresentação de candidatos classistas e socialistas já nos é familiar por sua utilização na campanha eleitoral passada. No entanto, por nossa debilidade ou inexperiência naquele momento, a concretização dessa política foi limitada, e os candidatos que lançamos foram, em sua maioria, candidatos do partido. O fato excepcional que teve, contudo, profundas repercussões foi a candidatura do grupo de dirigentes da CGT. (...)

Diremos a todos que não temos problema em apoiar companheiros de outros partidos que aceitem essa proposta unitária. A respeito da candidatura presidencial, aplicaremos a mesma política.

## IV) Como deve apresentar-se o acordo?

### A) Unificação em torno a uma candidatura única classista, e não a um programa estratégico comum

Voltando a concretizar-nos no ponto do acordo, cremos que é absolutamente clara a função que este cumpre como motor da luta pela independência política; o que temos que precisar é em que termos deve projetar-se tal acordo, assim como o que toca a atividade partidária em torno a qual devemos o realizar. O miolo da proposta do acordo reside em impulsionar candidatos operários e socialistas, o que implica que quem se comprometer tem que deixar de lado qualquer aspiração à conciliação com os politiqueros profissionais e conservadores. Se os demais setores acatam esse ponto, podemos chegar com eles a outros acordos sobre a forma de adiantar os atos conjuntos da campanha e sobre as consignas centrais dos candidatos. O que está claro para nós é que é completamente equivocado pretender chegar a um programa estratégico comum. Apesar de que em alguns pontos seguramente podem ocorrer aproximações, certamente é ilusório pretender fundir todas as forças do movimento operário se a condição de tal fusão for o acordo pleno em matéria de programa. Poder-se-á coincidir em alguns pontos comuns democráticos, anti-imperialistas, de combate ao plano reacionário, porém é absolutamente necessário que exista plena independência por parte das organizações para fazer propaganda de seus respectivos programas.

### B) Requisitos para o candidato único à Presidência

Até aqui, nossa proposta aparece abstratamente perante as massas. Para torná-la concreta e tangível, é necessário dar grande importância à imagem do candidato presidencial que vamos apoiar. (...)

Tal candidatura deve, em primeiro lugar, mostrar às massas uma clara congruência entre a imagem dos candidatos e a política de independência frente à burguesia e seus partidos. Devem, além disso, reivindicar, a propósito das eleições, a unidade da classe operária como vanguarda revolucionária – em uma aplicação conseqüente da Frente Única como medula de uma unidade revolucionária na campanha eleitoral – e, ao mesmo tempo, deve mostrar às massas que, de acordo com as condições, uma saída como essa não só é necessária como é factível, com o que ficariam desmascaradas as práticas de conciliação dos reformistas.

Por essas considerações, nós propomos como candidatos presidencias para o acordo, como figuras nacionais, os seguintes companheiros:

- Pastor Pérez: presidente da CSTC e militante do PC. Além de ser a cabeça do sindicato não patronal, é membro do partido operário majoritário.

- Javier Barquero: presidente da UTRASAN, a Federação de Santander, que dentro da UTC é vanguarda na luta contra a camarilha; foi líder da paralisação cívica de Bucaramaga, a qual foi o levante operário e popular mais importante do ano de 76. É militante de Anapo Socialista.

- [ilegível]: militante revolucionário vinculado durante décadas ao movimento operário e, em particular, ao petroleiro, através da USO. É um reconhecido comunista, embora não seja militante de nenhum partido. Mantém relações estreitas com o MOIR e uma grande fraternidade com os socialistas.

(...)



## V. As perspectivas de nossa campanha

Alguns companheiros se perguntaram sobre a conveniência de uma proposta que contará com a oposição das organizações as quais propomos a alianças. Não temos o que fazer, a não ser insistir que é a melhor forma de levar o nosso programa entre as massas, de interpretar e dar vazão as aspirações unitárias dos operários e demais trabalhadores da cidade e do campo, e de combater tanto a burguesia como os projetos que lhe fazem jogo. A nossa é uma tática para as massas com uma tradução de agitação que não tem nada a ver com o racionalismo intelectual-racionalista, que pensa que a forma de incidir em um processo como esse pode ser mediante simples declarações condenatórias do Estado burguês, do parlamento e do frente-populismo, deixando de lado o diálogo com as massas e os métodos que são necessários para arranca-las da influencia da burguesia. Quem ainda tiver duvidas sobre o correto desta linha, imbuído por prejuízos extremo-esquerdistas, tem que se por sobre este mundo e figurar-se conversando com os operários liberais e conservadores, as bases da UTC e CTC, aos trabalhadores comunistas ou do MOIR, aos da CSTC, aos anapistas (ANAPO), y enfim as massas que despertam para a política e acreditam nas eleições. (...)

\* \* \*

### **“Carta aberta às quatro centrais, a todos os sindicatos e organizações operarias” – PST - 1977**

#### NAS ELEIÇÕES DE 1978: UM CANDIDATO PRESIDENCIAL DAS QUATRO CENTRAIS SINDICAIS

Estimados companheiros:

(...) Para buscar que a classe operária e as massas trabalhadoras se expressem independentemente no terreno político, particularmente nas próximas eleições, lhes proponho em nome de meu Partido e como candidata presidencial do socialismo, que as quatro centrais levantem a seu nome uma candidatura presidencial operaria, independente dos partidos tradicionais, e que se comprometa unicamente ante os trabalhadores...

(...) Chamamos também o Partido Comunista, a MOIR e seus candidatos, as demais organizações de esquerda, a USO, FECODE, a todo o Sindicalismo autônomo, a aderirem esta proposta e a que impulsionemos uma reunião urgente com as quatro centrais...

Com saudações de unidade e luta,

Socorro Ramírez - Candidata presidencial do PST - Bogotá, 20 de Setembro de 1977

\* \* \*

### **“Intervenção Camilo Gonzalez no CC” – PST – mar/1977**

Qual é a tática mais precisa?

A primeira pergunta se expressa na nossa implantação junto às massas, junto aos sindicatos, junto as organizações operarias, aos partidos operários: a implantação na esquerda operaria e unitária. Em uma só formação com este lema, opõem uma frente de classe a uma frente da burguesia. Estamos implementando este próprio lema a nossa frente, nossa política de independência de classe do proletariado.

O segundo é buscar o compromisso de que todas estas organizações, sindicatos, ativistas, todos deve construir um encontro nacional – podemos colocar o nome – grande Encontro Nacional Operário e Unitário...

Em segundo lugar, esta é a melhor maneira de combater o PC e os reformistas; portanto, não é a melhor maneira de ajudá-los a se fortalecer, não é a melhor maneira de servi-los de bandeja, mas sim que é a melhor maneira de derrota-los. Porque, qual é a política do PC? É uma política de conciliação, uma política de frente popular. A política do PC é buscar conciliação com os liberais, impulsionar um movimento nacionalista pequeno-burguês com reconciliações, com propostas anti-imperialistas porém – dentro de uma perspectiva frente populista. Esta é a perspectiva deles e por isto buscam um candidato burguês, Luis Carlos Perez.

Nós temos clareza que eles são traidores, mas as massas não tem; nós queremos nos implantar nas massas. Desta maneira estaremos golpeando ao reformismo, ao frente populismo. O que estamos dizendo e contribuindo às massas compreender é: “você, os reformistas, estão buscando a conciliação com a burguesia, rompam com o liberalismo e fazemos uma frente eleitoral debaixo das bandeiras da classe trabalhadora e pela independência de nossa classe”. Isto estabelece um confronto diante do próprio movimento de massas que mostre efetivamente que o PC é uma organização que prefere a aliança com a burguesia. A política de conciliação de classe.(...)

Assim o problema de entender nossa tática no confronto com os reformistas é também um problema ligado à relação do partido com as massas. (...)

\* \* \*

## **Notas sobre Espanha**

### **1) Eleições legislativas de 1977**

Em 15 de junho de 1977 se celebraram as primeiras eleições legislativas depois de 41 anos, desde as últimas eleições gerais celebradas durante a Segunda República.

Nossa corrente era um pequeno grupo, a Liga Socialista Revolucionária (LSR). Éramos parte do SU, e desde 1977 fazíamos entrismo no PSOE, então em ascenso, com um setor operário à esquerda de sua direção e da direção do próprio PCE.

A direção da LCR, então seção oficial do SU, defende como tática eleitoral a unidade PSOE-PCE. Moreno critica essa tática porque, por um lado, vê que existe um ascenso das forças socialistas e um desgaste do PCE; por outro, por se tratar de uma linha inviável, dado que às vésperas das eleições já estava claro que PCE não iria conformar a frente. Como alternativa, diante da possibilidade dos socialistas imporem uma derrota eleitoral à burguesia, Moreno defende a unidade dos socialistas, ou seja, do PSOE, do PSP e de uma série de correntes e agrupamentos socialistas. Ao mesmo tempo, defende a unidade de ação das centrais sindicais (CCOO e UGT) para unificar as lutas e, junto com isso, exigia o fim da monarquia e a conformação de um governo do PSOE-PCE (bloco parlamentar) conjuntamente com outros partidos de esquerda.

No entanto, ao final, tampouco a unidade dos socialistas se concretiza. O PSOE e o PSP lançam suas candidaturas separadas e os grupos socialistas saem divididos. A LCR termina saindo na Frente de Unidade dos Trabalhadores - FUT-, junto com a Liga Comunista Revolucionária (LCR), a Ação Comunista (AC), a Organização de Esquerda Comunista (OIC) e o Partido Operário de Unificação Marxista (POUM), obtendo 41.200 (0,22%) votos. A LSR, por sua vez, chama o voto crítico no PSOE (Felipe Gonzalez), que fica em segundo lugar com 29,32%. O Centro (UCD, Adolfo Suárez) fica em primeiro lugar com 34,44%; o PCE (Santiago Carrillo), em terceiro, com 9,3%; em quarto, a direita (Aliança Popular - AP- com Manuel Fraga), com 8,2%; em quinto, o PSP (Enrique terno Galván) com 4,4%.

## 2) Eleições legislativas de 1982

O entrismo da LST no PSOE terminou em abril de 1979. Em novembro deste mesmo ano se constitui o PST. Em 28 de outubro de 1982, ocorre a antecipação das eleições legislativas que seriam em 1983. Há um forte crescimento do PSOE (Felipe Gonzalez) que conquista uma vitória histórica, obtendo 48,11% dos votos. A UCD se afunda e a direita, Aliança Popular (Manuel Fraga), se torna o principal partido opositor, obtendo 26,36% dos votos (AP-PDP). O PCE sofre uma perda de 50% dos votos em relação às eleições de 1977, obtendo 4,02% dos votos.

Apesar do voto útil no PSOE, avaliando a existência de um espaço à esquerda, o PST apresenta candidaturas próprias ao Congresso e ao Senado. Apresenta mais de 800 candidatos e obtém 103.133 votos ao Congresso (0,49%) e mais de 200 mil votos para o Senado. Nosso senador mais votado é em Madri, obtém 33.345 votos; e o de Barcelona 32.624.

O resultado foi considerado uma grande vitória do partido. O fato de que só existisse uma só TV (Televisión) que transmitisse o programa e o tempo que era dividido por igual entre os partidos, nos ajudou, mas a base objetiva do processo era a crise do PCE. Para que se possa ter uma ideia do que significou nossa votação, caso o sistema eleitoral fosse direto, um voto uma cabeça, teríamos elegido 2 deputados nacionais.

\* \* \*

## Espanha (citações)

### Sobre eleições 1977:

**“Carta [de Moreno] aos companheiros espanhóis”**

*Paris, 11 de fevereiro de 1977.*

### **Pela unidade socialista frente às eleições**

(...) Há três meses das eleições é preciso encontrar a consigna central que dê coerência e clareza à nossa política. Me ocorre que a consigna mais ou menos tem que ser “unificação de todas as tendências socialistas, de todos os socialistas sem exclusões para impor um governo de todos os partidos operários.(1)” Palavras mais, palavras menos. Obviamente dela surge uma estratégia e uma tática eleitoral bem definida.

Em nossa consigna de “unidade socialista” existe dois aspectos. Por considerá-la de grande importância quero insistir no primeiro: coloca objetivamente a possibilidade de derrotar eleitoralmente à burguesia e conseguir um triunfo das ideias socialistas.

A divisão do socialismo nas eleições, a divisão de todas as correntes socialistas, não é um triunfo do movimento de massas, senão uma derrota. Se conseguíssemos impulsionar, ou pelo menos participar de um processo no qual as massas que se voltam ao socialismo se unam numa só alternativa frente aos partidos burgueses, e inclusive frente ao próprio stalinismo, seríamos partícipes de um triunfo do movimento de massas.”

\* \* \*

## “Espanha: com as Cortes, cortar a Monarquia”

(Publicado na revista da América nº1, abril de 1977)

(...)

Resoluções práticas e não declaratórias

“Concretamente, para a LCR, o eixo, o centro fundamental de sua política eleitoral, é conseguir candidaturas operárias unitárias, ou seja, que existam listas eleitorais comuns do Partido Socialista Operário Espanhol, do Partido Comunista e de todas as outras organizações operárias: maoístas, trotskistas, etcetera. É, pois, um chamado para a constituição de uma frente operária eleitoral. (...)

Considerando este ponto de vista, uma resolução eleitoral na Espanha atualmente, se quiser ser verdadeiramente marxista, necessita partir da realidade, e essa realidade é categórica. Podemos discuti-la, podemos nos opor a ela. Porém é totalmente impossível unir em uma só lista os candidatos do PCE, do PSOE e do maoísmo, e ainda é mais complicado que estes grupos cheguem a se unir com algo similar de tendência trotskista.

É preciso levar em conta então cada um de seus partidos e correntes operárias participará das eleições de forma independente, porque as bases que os compõem e suas direções estão decididas a fazê-lo. Não podemos, então, nos fechar em princípios abstratos, mas sim devemos observar cuidadosamente essa realidade para depois sustentar nossa linha política. (...)

A luta pela unidade socialista nas eleições

(...)

É total e absolutamente impossível a unidade dos distintos partidos operários para as eleições. Porém a realidade nos indica que, se não é possível conseguir essa unidade total, pelo menos teria que lutar para conseguir a unidade de todos aqueles que atualmente se reivindicam socialistas. Ou seja, conseguir estas candidaturas dentro de um processo histórico positivo: o surgimento de um forte partido socialista na Espanha.

Acreditamos que este surgimento seria um passo altamente progressivo do processo da luta de classes que somente por essa via podemos conseguir um fato objetivo de enorme transcendência, o triunfo dos partidos operários nas eleições para as Cortes. Insistimos: seria um processo social objetivo muito progressivo que os socialistas conseguissem candidaturas unitárias, um grande partido unitário que canalize milhões de espanhóis que vão em direção a posições socialistas e que ao mesmo tempo se opõem ao caráter burocrático para eles ditatorial do PCE.

Nós, os trotskistas, temos que intervir com tudo nesses processos de um grande movimento e partido socialista a partir das eleições, visto que a saída ideal, lutar por candidaturas trotskistas independentes, dificilmente pode se dar, com o agravante que a LCR está fazendo muito pouco ou quase nada para que isto aconteça.

Desta forma, uma política concreta tem que ser a luta do trotskismo espanhol para conseguir um grande movimento socialista para as eleições, de tal forma que nos permita fortalecer a frente do PC e do Partido Socialista nas Cortes, com o objetivo de conseguir a maioria. Assim, poderíamos apresentar, legalmente, a construção de um governo dos partidos operários por via das Cortes.”

\* \* \*

## Sobre eleições 1982:

### “Rumo ao I Congresso do PST – 1982”

“Temos pela frente um processo político de enorme riqueza: as eleições gerais. Não temos dúvida que o processo eleitoral será um choque ainda mais espetacular que o da França e Grécia, polarizado e atravessando toda a atenção política do próximo ano. O aproveitamento deste processo é decisivo para o futuro de nosso partido e se tem que sintetizar em primeiro lugar em uma linha política diferenciada. Não pode haver confusão com as organizações da capitulação, o PSOE e o PCE, nem tampouco com a extrema esquerda com seus processos “novos”. Entre uns e outros, como se provou na Galícia, existe um espaço político para um autêntico partido revolucionário. Em segundo lugar no caráter conjuntural e não decisivo desta confrontação de classes.

Em terceiro lugar, na audácia política e organizativa para aproveitar até o último recurso, e, em quarto lugar no amadurecimento e fortalecimento dos quadros e militantes para enfrentar esta batalha. Neste caminho, igual que em seu momento cada uma das escolas, o I Congresso jogará um papel decisivo em nossa transformação como partido.”

\* \* \*

### “Aceitar o desafio que nos coloca a situação – CC, 16/11/182”

#### **A situação nos partidos operários: a crise do PCE e o ascenso do PST**

(...)

Como é possível situar o PST na situação do movimento operário e junto à crise do PCE? (...) O afundamento do PCE é um fato determinante na estrutura do movimento operário, mas junto com isso é imprescindível situar essa realidade que supõe nosso ascenso eleitoral, nossa campanha política. Ao ser a única força que resistiu à tremenda pressão do voto útil e à claudicação ao PSOE, nos dá um grande prestígio e permite que muitos companheiros que nos olhavam com ceticismos agora veem a possibilidade real de que nos construamos como uma alternativa operária, socialista e revolucionária. (...)

Para nós o que determina tudo são as condições objetivas e o espaço político aberto, isso passa por cima das debilidades subjetivas, das dificuldades, problemas e falhas de organização. (...)

Porque estamos convencidos que é possível, não substituir o PCE, senão preencher uma parte desse espaço?

Existe um primeiro fator objetivo: os resultados eleitorais. Mais de 200.000 pessoas de uma ou outra maneira votou em algum candidato do PST (entre 100.000 do Congresso e 300.000 do Senado). Significa que mais de 200 mil pessoas votaram numa alternativa à esquerda do PCE e do PSOE, e este é o fato que se tem que dar resposta. Mas não é somente o processo eleitoral. Existem outros processos subjetivos dentro do m.o. que não nos pode escapar. O primeiro e fundamental, a crise do PCE, agora em seu grau máximo com a demissão de Santiago Carrillo. (...) Na campanha eleitoral decidimos, e fizemos, voltar-nos para esse setor e sua expressão orgânica: CCOO. (...)

O segundo fator, a crise da extrema esquerda, que cada vez menos representa a uma alternativa à crise do PCE. Ainda que preserve uma tradição e um peso sindical – em decadência – superior ao nosso. Mas a realidade é que por muito que chorem o MC e a LCR, nossa influência é crescente e a deles decrescente. (...)

O terceiro fator: é o governo do PSOE e o processo político de conjunto. Uma política clara sem nenhum tipo de confiança em relação à socialdemocracia, baseada na mobilização operária e popular, nos vai fortalecendo na medida em que o PSOE vai se desprestigiando.

## ROMPER O PST PARA CONSTRUIR UM GRANDE PST

(...) Tem que haver uma transformação profunda no partido, de seus quadros, do desenvolvimento mesmo de sua direção, para poder capitalizar e entrarmos em profundidade neste processo.

(...) Temos que ser conscientes que o triunfo eleitoral, nossa situação como terceiro partido da esquerda não é irreversível, não somos uma alternativa consolidada, depende absolutamente de nós; e não por um problema de vontade (ainda que seja mais necessária que nunca), senão como um problema político, nos localizarmos para aproveitar esta situação.”

\* \* \*

## **Tema 6 – Diferença entre unidade de ação, frente única operária e frentes eleitorais**

### **Argentina**

#### **“Documento Nacional Pré-congresso” – MAS - Fev/1985**

Na medida em que se abre um ano de lutas operárias e populares e que estas se refletirão na superestrutura através de novas crises e questionamentos, também se abre para o partido um ano de unidade de ação e de acordos com as distintas forças que atuam no seio do movimento operário e popular para empurrar a mobilização.

O partido não atua no vazio. Existem as demais correntes, cujos militantes e quadros intervêm nas distintas mobilizações que se dão no país. A realidade do crescimento das lutas e a perspectiva de uma greve geral, nos obriga a que o centro de nossa política não seja a denúncia ou as diferenciações com as outras correntes, senão o permanente chamado a unidade de ação e a busca dos pontos de acordo para impulsionar uma greve operária, fazer uma chapa para um sindicato ou para um corpo de delegados - interna, intervir juntos em uma luta no bairro, de estudantes ou antiimperialista (Nicarágua, FMI, etc).

O mesmo teremos que fazer com respeito as eleições; devemos buscar acordos com tudo que seja progressivo, desde um dirigente classista a uma unidade básica(\*), passando por chamados permanentes ao PC, e inclusive ao PO, a frente eleitoral. Na busca pelos acordos não excluímos nenhum setor. Nos dirigimos aos distintos alinhamentos da burocracia, as correntes peronistas progressivas sem se importar de onde vieram, a esquerda peronista, ao PC, ao PI, ao PO, etc.

(...) Isso não significa para nada abandonar a denúncia sistemática das outras correntes políticas e sindicais, senão fazê-la dentro do marco do chamado a luta comum. cremos que este marco facilitará nossa denúncia e, o que é mais importante, ajudará que as massas façam sua experiência. (...)

É obrigação do partido fazer um esforço sistemático para encontrar aqueles pontos de unidade, é um dos eixos de nossa política para a etapa que se abre. Não deixaremos de combater contra os outros partidos políticos, para nada, o combate será mais feroz que nunca, porém a forma privilegiada que adota esse combate é o permanente chamado a unidade para mobilizar conjuntamente as massas. (...) Para que não fiquem dúvidas do que queremos dizer, temos que praticar essa política chamando-los(\*\*) a formar chapas, ou grupos, ou frentes conjuntas no movimento operário, nos direitos humanos ou nas lutas populares.

Esta política é válida também para a campanha eleitoral, temos que estar abertos a uma política de frente operária com independência de classe; por exemplo, já devemos começar colocar essa política até o PC e até mesmo o PO; ou a levantar candidaturas de trabalhadores em que participem trabalhadores peronistas, intransigentes, radicais, ou de qualquer outra corrente política; ou ser parte de uma frente de esquerda ainda que sejamos uma frente minoritária.

Buscar a unidade para mobilização, ainda que seja com o diabo para usar uma expressão de Trotski, é um dos grandes eixos da nossa política na etapa que se inicia.

(\*) Unidade Básica: eram centros ou locais onde se organizava o movimento peronista. Estes centros eram espalhados por todos os bairros.

(\*\*) No caso se refere especialmente ao PI, PC, PO e “Esquerda Peronista” (nota da tradução)

\* \* \*

## **“A Frente do Povo: um grande acerto político” – MAS - 1987**

### Introdução

Toda nossa política desde a formação até a ruptura da FP esteve enquadrada nas linhas formuladas pela Internacional Comunista para a conformação de uma frente única operária. Podemos resumi-la em três: 1) que a frente responda a necessidades objetivas da luta de classes e política e aos desejos de setores do proletariado; 2) preservar a mais absoluta independência política do partido revolucionário; 3) o dever de lutar para ganhar a base, ou parte dela, dos ocasionais aliados reformistas. A isso agrega uma condição mais de tipo tático, mas de grande importância, para conseguir o terceiro objetivo: fazer recair sempre o peso da ruptura sobre nossos adversários reformistas. (1)

Notas

1. As Teses [da III] sobre a Unidade da Frente Proletária afirmam: (...)

\* \* \*

## **Espanha**

### **“Espanha: com as cortes, cortar a monarquia” – 1977 - Nahuel Moreno**

Uma eleição não é uma ação de massas, embora possa ter implicações de tal (...)

Por outro lado, uma ação de massas nunca pode ser em si mesma uma ação eleitoral, visto que esta é um mecanismo do estado burguês e está a serviço dele, que usa com o propósito de desviar o movimento de massas a um processo no qual acredita ser representado (...)

Mas nenhuma campanha eleitoral deve se confundir com a unidade de ação, que é exatamente o oposto (...)

Em troca, uma frente eleitoral se forma para agitar nosso programa, o qual se trata de sintetizar em palavras de ordem imediatas, claras, massivas, entendíveis para milhões de trabalhadores. Não é, então, unidade de ação, senão todo contrário: é uma tarefa de tipo propagandística e agitativa. A unidade de ação, por outro lado, tem como objetivo fundamental mobilizar as massas (...)

Mas essa unidade de ação não a podemos transferir ao terreno eleitoral, porque então provocamos uma confusão de classe. (...)

\* \* \*

## **Tema 7 – Resultados eleitorais**

## **Argentina**

### **Sobre eleições 1985:**

### **“Frente do Povo: Um grande acerto político” – MAS – 1987**

#### As eleições de 3 de novembro

Nossa política de ajudar a formar um 3º peronismo, operário, unindo a esquerda e em oposição a Herminio e Cafiero, fracassou.

Por isto a Frente do Povo foi como uma frente eleitoral de vanguarda que no fundamental somou os votos do PC e os nossos mais uma estreitíssima franja de votos peronistas e dos setores da esquerda que estavam a favor da unidade. Mas de forma fundamental as eleições de 85 renunciaram o avanço eleitoral obtido sozinho pelo MAS nos anos seguintes na província de Buenos Aires. Este foi o significado dos 200.000 votos (sobre 350.000 no país).

A FP não alcançou representação parlamentar, em parte por uma postura diversionista do PO.

Seu fracasso relativo se deu fundamentalmente porque a crise do peronismo foi canalizada por uma organização bem burguesa, a de Cafiero.

Ao mesmo tempo, ao fazer o acordo com o PC, nosso partido deixou um flanco para uma esquerda “contestatória” e anti-stalinista – pela direita e pela esquerda – que foi coberto pelo PO. O PO triplicou sua votação, obtendo 47.000, algo menos que um sétimo dos votos da FP.

No partido abriu-se uma importante discussão que até o momento não foi concluída: tendo em vista o resultado, não deveríamos ter feito uma frente com o PO para golpear fortemente o PC, dado que não ocorreu o processo de ruptura com o peronismo? Não teríamos, assim, golpeado melhor o PC? Pelo contrário, nossa frente com o PO não geraria nenhum golpe significativo contra o PC, não tínhamos como saber o que ocorreria com o peronismo e nos convencemos a nos aproximar do PC e no processo de possível aprofundação de sua crise capitalizar nela, ao menos parcialmente.

O conjunto do processo anterior clarifica mais a discussão. A derrota eleitoral do PC/FRAL frente ao MAS em 6 de setembro tem haver, obviamente, com a luta de classes e teve relação também a FP no qual o MAS entrou pela porta principal da esquerda argentina, deixou de ser um grupo ultraesquerdista, bem marginal, sendo capaz de fazer acordos frentistas sem se esquecer de seu papel objetivo na política nacional. Em nossas ações mostramos que não somos um grupo de protesto e sim um partido com vocação de poder e disposto a recorrer os caminhos necessários para chegar a ele. (...)

\* \* \*

## “Documento Nacional do MAS, 1988”

### Influência política

Os resultados eleitorais mostram que o MAS superou o PC e tende a alcançar o PI (a esquerda peronista se marginalizou, na maior parte atrás de Cafiero; e algumas frações, atrás do PC).

Nosso partido é o único que cresce pela esquerda, enquanto, pelo outro extremo, o faz a direita.

Nas eleições de 1983 o PI nos superou em 8 por 1; em 1985: 3 por 1 (a Frente del Pueblo, que então formávamos com o PC); e em 1987 a proporção foi PI 1,5 e MAS 1.

Em 1983 o PC nos superava em 3 por 1 (proporção que aceitávamos para distribuir as candidaturas comuns da Frente del Pueblo). Em 1987 superamos levemente o FRAL (Frente do PC e outras forças).

O MAS aumentou 4 vezes a sua votação entre 1983 e 1987, refletindo a inserção em setores de massas, nas lutas operárias e populares e na vanguarda que está construindo a nova direção. Os 230 mil votos nacionais, que nos puseram como quinto partido do país, provem de uma faixa de trabalhadores que rompeu com o peronismo pela esquerda.

A maior parte se obteve no cordão industrial de Buenos Aires, onde está a maioria do proletariado argentino, com porcentagem situadas entre 3 e 6%. Isso nos converteu na terceira força (atrás do peronismo e do radicalismo) em Matanza (o distrito mais populoso e mais operário do país), Merlo, San Vicente, Florêncio Varela e Ensenada (distritos que são “dormitórios operários”) e em várias outras localidades. A sondagem de votos nas fábricas da Grande Buenos Aires nos deu mais de 10% (20% da Acindar, San Justo e cervejaria Quilmes e 14% na Insad Merlo).

Por sua vez, os 50 mil votos alcançados na Capital Federal mostraram que outros setores populares (estudantes, intelectuais, direitos humanos etc) também nos apoiaram. 80% da votação nacional foi na chapa completa e representa uma adesão total ao MAS e ao programa. (...)

\* \* \*

## Perú

### Sobre eleições 1978:

#### “Artigo 40 anos do PST peruano”

*(publicado em versão editada no Correio Internacional nº12)*

#### FOCEP (Frente Operária, Camponesa, Estudantil e Popular) e a Assembleia Constituinte

(...) As eleições aconteceram amordaçando os candidatos de esquerda, sem rádio, sem televisão, sem imprensa e com seus principais candidatos deportados. Sem dúvida, as massas responderam castigando duramente a ditadura: votaram massivamente pelas principais figuras da esquerda, que, de conjunto, obtiveram ao redor de 30% dos votos; entre eles, a pequena e quase desconhecida FOCEP destacou-se ao ter meio milhão de votos e elegeu 12 em um total de 100 representantes à Assembleia.

(...) Hugo Blanco foi o mais votado da esquerda e o terceiro nacionalmente, depois das duas principais figuras da burguesia. A lenda de Chaupimayo, do início dos anos 60, ainda presente na consciência das massas, se converteu no símbolo da luta e do rechaço a ditadura. A FOCEP não tinha a mínima estrutura logística nem recursos; não tinha nem fiscais de apuração, do que se presume que uma alta votação a seu favor, e em particular em Hugo Blanco, lhe tenha sido roubada na hora da contagem dos votos.

Este resultado representou um golpe quase mortal para o stalinismo. Mesmo com seu imenso aparato, o PC conseguiu elegeu apenas seis representantes. O maoísta Patria Roja, que então tinha muita força, havia se absterido de participar, sofrendo também uma derrota à sua maneira. A centrista UDP, por sua vez, alcançou votação e representação modestas. O PST, um pequeno grupo, e o “trotskismo” em geral agrupado na FOCEP, se beneficiaram da imensa votação conquistando a eleição de Blanco, Napurí, Magda Benavides, Enrique Fernández e Hernán Cuentas. O PST, então partido de Blanco, rapidamente se

encheu de gente e apareceram sedes com seu nome por toda parte, sem que o partido pudesse dar conta de tudo. Este "êxito", que praticamente caiu do céu para o PST, durou muito pouco: em poucos meses, Blanco, seguindo a orientação da maioria da Quarta Internacional com sede em Paris, decidiu romper com o PST e o FOCEP, e passou a construir outro partido com outros grupos centristas e uma constelação de oportunistas e arrivistas (...).

\* \* \*

## **Sobre eleições 1980:**

### **“Artigo 40 anos do PST peruano”**

*(publicado em versão editada no Correio Internacional nº12)*

#### O massacre de Cromotex, ARI (Aliança Revolucionária de Esquerda) e as eleições de 1980

(...) A esquerda se apresentou fragmentada. O PRT, o POMR e o PST formaram a "Frente Trabalhadores ao Poder" e levaram Hugo Blanco como candidato presidencial, acompanhado nas vice-presidências por Ricardo Napurí e Fernández Chacón. O resultado eleitoral foi um fracasso para toda a esquerda que compartilhou pobres porcentagens, mas em especial foi uma derrota para Hugo Blanco e as organizações que o acompanham que, da terceira maior votação nacional da FOCEP e dos 30% estimados para ARI, teve apenas 4%. Com esta porcentagem o bloco elegeu Hugo Blanco, Emeterio Tacuri e Hipólito Enríquez, do PRT, Ricardo Napurí pelo POMR, e Fernández Chacón pelo PST. (...)

\* \* \*

## **Espanha**

### **“Situação Política – 1977”**

(Após as eleições 15-6-77)

#### Depois das eleições a Corte

O fato mais significativo nas eleições parlamentares é que um em cada três votou nos socialistas, e que um em cada dois deu seu voto a um partido operário (PSOE, PCE, PSP).(...)

O Partido Comunista da Espanha, eixo e centro da luta política contra a ditadura, monopolizador do movimento operário durante anos, com mais de 200.000 militantes, que a transforma na maior força organizada do país, não passou dos 10% dos votos (...)

#### Ganhou o socialismo

As opiniões são unânimes em um ponto: o socialismo expandiu e se implementou como a primeira força política do país. Apesar da divisão mantida entre o PSOE e o PSP do professor Tierno e o resto do FPS, o Partido Socialista Operário Espanhol conseguiu cerca de 30% dos votos, e os candidatos da Unidade Socialista (PSP-FPS) tiveram cerca de 5%.

Os que pensavam que a corrente socialista reapareceria na Espanha ligada a setores pequeno-burgueses levaram um tapa na cara; foram a força principal nas maiores concentrações industriais do país (Madrid, Catalunha, País Basco) ou com maiores proporções do proletariado agrícola (Andalusia ocidental, Sevilha, Cadiz, Cordoba, Jaen) onde o PSOE aparece como primeira força política, ou, como no caso de Viscaya e Guipuzcoa, imediatamente atrás do partido nacionalista basco. O resultado nos grandes bairros operários não deixa dúvidas: no bairro madrilenho de Vallecas, que antes parecia ser um feudo do PCE, testemunhou um triunfo esmagador do PSOE. (...)

\* \* \*

## **Tema 8 – Critérios usados para fazer os balanços eleitorais**

### **Argentina**

#### **Sobre eleições 1973:**

**“Dezembro de 1973 – Informe de Atividades” - PST**

#### III – As campanhas eleitorais

(...) Podemos dizer que o partido, graças a legalidade e a primeira campanha eleitoral, se transforma pela primeira vez em um partido nacional, que penetra e se assenta em todas as concentrações operárias de importância no país...

O saldo das duas campanhas, como da obtenção da legalidade, foi espetacular. Graças a essas duas campanhas conseguimos nos ligar muito mais ao processo da luta de classes no país, já que nos estendemos e estabelecemos contato com nossa classe em todos os rincões do país e multiplicamos nossa intervenção nos conflitos da luta de classes, além de nos fazer conhecer como partido a milhões de trabalhadores e habitantes do país. (...)

\* \* \*

## **Sobre eleições 1985:**

### Circular Interna 117 – MAS – 1985

#### **“Balanço da campanha eleitoral e a situação nacional”**

##### A Frente do Povo

(...) temos que começar com uma crítica: não haver incorporado como elemento fundamental de nossa política e das análises que nos levaram a definir a aliança com o Partido Comunista, com setores do peronismo e com outras forças de esquerda, **a existência de uma incipiente vanguarda operária que parece retomar o processo de luta contra a burocracia e pela direção dos sindicatos...**

É certo que nos dirigimos a ela indiretamente porque fizemos uma campanha de classe a partir do caráter operário que de fato tinha a Frente do Povo, a política de frente dos trabalhadores e da esquerda com que saíram nossos panfletos e cada um dos números do jornal e da decisão de concentrar nosso trabalho nas fábricas e empresas. Porém, se no processo eleitoral houvésssemos visto esse fenômeno, nossa tática eleitoral, a política geral e as consignas teriam sido muito mais precisas e, seguramente, teríamos aproveitado melhor a intensa atividade de agitação e propaganda que realizamos na campanha eleitoral. De toda maneira, pela implantação do partido no movimento operário e por nossa política de luta contra a burocracia e por uma nova direção sindical para o movimento operário, somos parte deste processo que começa: bancários e saúde assim demonstram.

A essa crítica temos que agregar que dois dos objetivos que nos demos na campanha eleitoral não se cumpriram. O primeiro, de caráter hipotético, projetava a possibilidade de que surgisse uma corrente peronista ao redor da Frente do Povo como resultado da crise do peronismo. Essa corrente não surgiu. O segundo, conservar a legalidade do partido, obtendo uma votação que superasse os 3% do eleitorado. Tampouco conseguimos.

De qualquer maneira, reivindicamos termo-nos dado esses objetivos. O primeiro, porque era uma possibilidade real colocada pela profunda crise de desagregação que tinha o peronismo e que o levou a apresentar-se dividido em várias províncias do país e, particularmente, na província de Buenos Aires. Para o partido era uma obrigação política trabalhar sobre essa oportunidade e esgotar todas as possibilidades que estavam ao nosso alcance para facilitar esse possível processo. Assim o concebíamos quando decidimos integrar a Frente do Povo. Mais ainda, quando Cafiero decidiu apresentar-se na província de Buenos Aires, avaliamos que, contraditoriamente, o peronismo se apresentasse dividido poderia melhorar suas perspectivas eleitorais. Com o decorrer da campanha, essa perspectiva se fez realidade e se fecharam as possibilidades de que surgisse essa corrente peronista ao redor da Frente do Povo, conclusão que tiramos depois do ato na *Plaza Congreso*.

De qualquer maneira, durante a campanha eleitoral, com a política de atacar o peronismo, pudemos entrar em contato com alguns de seus setores; a visita às unidades básicas, o diálogo que travamos com ativistas e dirigentes peronistas é um adubo que jogamos e que pode dar frutos se seguir erodindo-se pela base o partido que foi direção da imensa maioria da classe operária nos últimos quarenta anos.

A Frente do Povo era também uma tática válida para lutar para manter a legalidade. Os resultados eleitorais o confirmam. Estivemos a ponto de alcançá-la na Capital e na província de Buenos Aires, faltaram poucos votos para que pudéssemos ganhar essa batalha. Agora temos que continuá-la juridicamente, ainda não está perdida.

A Frente do Povo permitiu convertermo-nos em um fato objetivo da política nacional. Fomos o quinto partido em nível nacional, batalhamos por um deputado nacional na província de Buenos Aires, um deputado provincial na terceira seção dessa mesma província e um vereador na Capital Federal; (...) Aparecemos aos trabalhadores e ao eleitorado como uma alternativa crível, como uma variante viável e como um partido sério.

A Frente do Povo foi uma escola para o partido. Todos os nossos quadros se viram na obrigação de discutir com outras forças políticas, de programar ações em comum, de redigir panfletos unitários, de fazer atos em que tínhamos que nos dirigir a uma audiência diferente da que normalmente formam nossos militantes e nossa periferia. Tivemos que lutar na prática contra o sectarismo. Os resultados dessa aprendizagem foram mais que bons e servirão para que no futuro nos liguemos melhor às correntes que possam surgir por fora de nós, é um elemento a constar entre as conquistas eleitorais (sic).

A campanha eleitoral serviu para que penetrássemos mais e melhor no movimento operário e para que consolidássemos e estendéssemos a estrutura partidária com novos núcleos e com novos leitores fixos do jornal. Se conseguirmos consolidar o que temos organizado no partido, se mantivermos os jornais fixos e tornarmos realidade as possibilidades de captarmos



novos companheiros e organizar novos núcleos, **teremos que dizer que fizemos uma campanha eleitoral muito boa.**

O balanço eleitoral se prolonga, então, nas tarefas de consolidação e captação que temos adiante...

Quer dizer, o balanço que apresentamos não é um balanço fechado, fica aberto a espera de que decantem alguns processos da realidade objetiva e da atividade partidária. Teremos que esperar alguns meses antes de dizer categoricamente que a tática da Frente do Povo foi uma tática correta ou se podia haver outras melhores.

(...) temos que responder à pergunta de que se a política que nos demos e a tática que utilizamos e a maneira como a executamos serviram ou não ao desenvolvimento dos processos mais progressivos que ocorrem na classe operária e se serviram à construção do partido - nesse caso ao seu crescimento orgânico e à penetração nas fábricas e empresas.

(...) necessitamos alguns meses para saber se podemos consolidar os companheiros que hoje estão organizados nos núcleos, captar os que nos acompanharam na campanha eleitoral e manter os 32.000 jornais fixos que estamos vendendo. Se tivermos êxito nessas tarefas, teremos que dizer, apenas por esse dado, que a tática eleitoral que nos demos serviu para que o partido desse um salto na quantidade de militantes e núcleos organizados, em jornais vendidos e na implantação em fábricas e empresas. A conclusão categórica da campanha eleitoral seria: foi boa a tática da Frente do Povo porque serviu para construir a ferramenta mais importante que os trabalhadores têm, o partido revolucionário. (...)

### O partido depois da campanha

Devemos partir de assinalar que esta foi uma campanha exemplar: ao contrário de outras oportunidades, nas quais saímos na forma “epilética” e saltamos de uma coisa a outra, aplicamos consequentemente a orientação de fazer a campanha com e desde as equipes e priorizando na forma absoluta a atividade nas fábricas e empresas.

Consideramos que o partido saiu **MUITO BEM FORTALECIDO** do processo eleitoral, com suas equipes mais sólidas e com novas equipes, com uma maior estruturação na classe o que nos localiza ainda melhor para as lutas (que já começaram e as que vierem) e para o processo de eleição dos delegados e comissões internas, com um padrão muito mais amplo e consolidado, com muitos companheiros que fizeram a atividade, um boa quantidade de efiscais para 3 de novembro e uma ampla franja de companheiros - em sua maioria trabalhadores e ativistas operários - para atender e captar para o partido. (...) Temos conseguido uma maior estruturação e presença do partido no movimento operário e de trabalhadores, um dado a ter em conta é que em muitas fábricas e empresas a Frente do Povo conseguiu entre 10, 15 e uns 20 por cento dos votos o que é muito importante, o central é que esta campanha nos possibilitou um diálogo com uma enorme quantidade de companheiros que se traduz agora em novas empresas abertas, onde temos no mínimo um jornal fixo porém em muitas delas contatos firmes e militantes. Damos os exemplos da abertura e extensão do trabalho em algumas zonas:

<b>Regional</b>	<b>Antes Estruturas Empresas</b>	<b>Agora</b>
Lomas	9	23
Lanús	48	86
San Martín	40	53

\* \* \*

## **“A Frente do Povo: Um grande acerto político” – MAS – 1987**

### Introdução

... Nossa proposta de Frente dos Trabalhadores e da esquerda foi principista, porque respondia há uma necessidade vital da revolução argentina: ajudar os operários a deixar de confiar – e também votar – por partidos patronais, e começar a fazê-lo por partidos ou frentes operárias. Por isso, apesar de que fracassamos centralmente nesse objetivo, igualmente conseguimos importantes conquistas. A central: a Frente do Povo nos ajudou a nos converter no partido hegemônico da esquerda e passamos a ser parte da realidade política objetiva do país.

Na Argentina conseguimos – e a Frente do Povo foi uma alavanca para isso – colocar o partido na vitrine, na primeira fila, para quando os operários terminarem de romper com o Peronismo e começarem a olhar a sua esquerda. Esse é o imenso significado da definição do MAS como “hegemônico” na esquerda, significa estar em melhores condições para atrairmos para posições revolucionárias aos trabalhadores que busquem uma saída a esquerda...

Devemos ser categóricos e afirmar que nesta difícilíssima luta, pelo menos até agora, temos triunfado.

E isso se deve em primeiríssimo lugar a luta de classes... Porém em segundo lugar se deve a justeza de nossa política e de nossa tática...